

JÚLIA TADEU SILVA DOS SANTOS E PAULA
ROSANA DA SILVA BERG
ORGANIZADORAS

AMBIENTES INOVADORES DE APRENDIZAGEM:

os saberes desenvolvidos
pelos alunos da escola de
licenciatura da UNISUAM

Júlia Tadeu Silva dos Santos e Paula
Rosana da Silva Berg
Organizadoras

AMBIENTES INOVADORES DE APRENDIZA-
GEM: OS SABERES DESENVOLVIDOS PELOS
ALUNOS DA ESCOLA DE LICENCIATURA DA
UNISUAM





Júlia Tadeu Silva dos Santos e Paula
Rosana da Silva Berg
Organizadoras

AMBIENTES INOVADORES DE APRENDIZA-
GEM: OS SABERES DESENVOLVIDOS PELOS
ALUNOS DA ESCOLA DE LICENCIATURA DA
UNISUAM

1ª Edição



Rio de Janeiro - RJ
2024

Copyright © 2024 Epitaya Editora. Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta obra poderá ser utilizada indevidamente, sem estar de acordo com a Lei nº 9.610/98. Se correções forem encontradas, serão de exclusiva responsabilidade de seus organizadores/autores.

Editor: Bruno Matos de Farias

Assessoria Editorial: Helena Portes Sava de Farias

Marketing/ Design: Gercton Bernardo Coitinho

Diagramação/ Capa: Bruno Matos de Farias

Revisão: Autores

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(eDOC BRASIL, Belo Horizonte, MG, Brasil)

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

A924 Ambientes inovadores de aprendizagem [livro eletrônico] : os saberes desenvolvidos pelos alunos da escola de licenciatura da UNISUAM / Organizadoras Júlia Tadeu Silva dos Santos e Paula, Rosana da Silva Berg. – Rio de Janeiro, RJ: Epitaya, 2024.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-94431-25-7

1. Educação. 2. Ambientes inovadores. 3. Professores – Formação. I. Paula, Júlia Tadeu Silva dos Santos e. II. Berg, Rosana da Silva.

CDD 616.12



Epitaya Propriedade Intelectual Editora Ltda
Rio de Janeiro / RJ | Tel: +55 21 98141-1708
contato@epitaya.com.br
<http://www.epitaya.com>

PREFÁCIO

Este livro “**ambientes inovadores de aprendizagem: os saberes desenvolvidos pelos alunos da escola de licenciatura da UNISUAM**” é o resultado do trabalho primoroso da professora Júlia Tadeu e de suas alunas do curso de Pedagogia, de uma universidade privada localizada na zona Norte carioca. O livro é fruto dos projetos que as alunas apresentam ao fim de cada semestre.

Cada capítulo apresenta as pesquisas que as estudantes fizeram para elaboração de seus projetos e atividades, para serem aplicadas em sala de aula. Os temas tratados são sensíveis à sociedade, por isso escola é um contexto favorável para a discussão: do direito à moradia, do bullying, das fake news, do feminicídio e da educação sexual, assuntos tratados aqui.

O desejo de formar docentes autônomos e pesquisadores e que tenham disposição para ser afetados e afetar seus alunos guiou a professora Júlia na empreitada de elaborar este material que pode colaborar com outros docentes do ensino fundamental.

Elaborar exercícios inéditos permitiu que as pedagogas em formação: aprofundassem o conhecimento dos temas abordados em sala de aula, ampliassem o conhecimento de mundo, além de aprimorar o trabalho com os conteúdos da área de atuação.

O trabalho feito neste eboo-k é uma iniciativa que colabora com a formação docente, tema amplamente debatido na academia. Em função disso, trata-se de uma iniciativa importante para aprimorar a formação de professoras e professores.

Aproveite a leitura.

Rosana da Silva Berg

Professora da educação básica

Professora universitária

Doutora em políticas públicas e formação humana

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1.....09

A NORMALIZAÇÃO DO FEMINICÍDIO

Ana Clara Barbosa dos Santos; Maria Julia da Costa Pinto; Patricia Martins Guerra de Oliveira

CAPÍTULO 2.....33

AS MÍDIAS SOCIAIS E AS FAKENEWS

Fabrinne Gonçalves de Souza; Larissa Muniz Carneiro de Araújo; Lucas Ferreira de Oliveira; Pâmela Aguiar Lacerda; Saimara Perez da Rocha

CAPÍTULO 3.....47

BULLYING-COMBATENDO O MAL PELA RAIZ

Alessandra Cristina Ribeiro de Sá; Carla Cristina Mendes Almeida; Fernanda de Moraes Silva; Juliana Kleinlein Ferreira, Maria Carolina de Souza Pompilio da Silva

CAPÍTULO 4.....65

PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA E DIREITO A MORADIA

Aline das Mercês Moura; Daiane Rodrigues da Silva; Jheniffer Elizabeth dos Santos Luiz; Tharcila de Almeida Guimaraes

CAPÍTULO 5.....	83
A IMPORTÂNCIA EM ABORDAR A EDUCAÇÃO SEXUAL NO 1º SEGMENTO DO ENSINO FUNDAMENTAL	
<i>Barbara da Cunha Campos Lima; Djenifer Vieira dos Santos; Karina Nasci- mento dos Santos; Mariana Ribeiro Vieira; Vitoria Peixoto da Silva Santos</i>	
SOBRE OS AUTORES.....	109

CAPÍTULO 1

A NORMALIZAÇÃO DO FEMINICÍDIO

ANA CLARA BARBOSA DOS SANTOS
MARIA JULIA DA COSTA PINTO
PATRICIA MARTINS GUERRA DE OLIVEIRA

*“Em um país como o Brasil, manter a esperança viva é
em si um ato revolucionário”.*

PAULO FREIRE



INTRODUÇÃO

Desde a infância, nós mulheres vivenciamos a desigualdade de gênero na pele. Ser mulher e crescer em um mundo estruturalmente machista que nos obrigam a aprender lidar com situações inimagináveis, é uma questão de sobrevivência. Os atos de violência podem ser dos mais graves aos mais discretos e subliminares, sendo qual for a sua escala os resultados na vida da mulher são devastadores.

Recordo-me da minha mãe fazendo todas as atividades domésticas, enquanto meu pai sentava ao sofá para assistir TV. E, ainda, de forma bem clara rememoro minha tia ligando para nossa casa aos prantos precisando de ajuda após ter “caído da escada”, ou de quando um senhor amigo da minha família me pediu para entrar em seu carro quando tinha 11 anos.

Acompanhei esses fatos acontecerem com primas, amigas, tias, avó e mãe. Até perceber que infelizmente, essas cidadãs não tinham noção que foram vítimas, e que essa era uma condição de degradação de suas vidas.

“O feminicídio representa a última etapa de um continuum de violência que leva à morte. Seu caráter violento evidencia a predominância de relações de gênero hierárquicas e desiguais. Precedido por outros eventos, tais como abusos físicos e psicológicos, que tentam submeter as mulheres a uma lógica de dominação masculina e a um padrão cultural de subordinação que foi aprendido ao longo de gerações”. Lourdes Bandeira, socióloga,

pesquisadora e professora da Universidade de Brasília.

A hostilidade e o desrespeito contra a mulher é um problema de ordem mundial. Não é exclusividade de países subdesenvolvidos ou de algumas culturas, e sim consequência de uma cultura patriarcal que está engendrado nos pilares de nossa sociedade.

A violência contra a mulher se materializa por vários formatos desde o estupro até a violência psicológica, e que precisa ser combatida com veemência e urgência. (Violência contra mulher. Portal-mundo da educação)

Tendo como base os aspectos até aqui abordados, torna-se relevante apresentar uma proposta, socioeducativa, cuja premissa é orientar mulheres, sobre os sinais preliminares do Femicídio à efetivação do ato violento, que em alguns casos poderá ser fatal.

Com o objetivo de atender a proposta idealizada, trabalharemos com as seguintes questões: o conceito de feminicídio; as leis que não funcionam; o aumento da violência contra mulher; como a sociedade enxerga a mulher; desigualdade de gênero; patriarcado e feminismo - nas escolas.

Com esse delineamento abordaremos temas e atividades que possibilitem o entendimento sobre o Femicídio e como suas ações se forjam, ocasionando relacionamentos abusivos e consequências inconcebíveis a mulher em pleno século XXI.

“O primeiro passo para enfrentar o feminicídio é falar sobre ele.” Nadine Gasman, representante da ONU Mulheres no Brasil.

Nosso trabalho será dinamizado por meio de um capítulo inserido no e-book, denominado: Ambientes inovadores de aprendizagem, os saberes construídos pelos (as) alunos (as) do 6º módulo da escola das licenciaturas da UNISUAM, cuja temática foi inicialmente abordada.

Nosso público alvo serão mulheres, de diversas faixas etárias, em espaços possíveis de aprendizagem, como praças públicas, igrejas, associação de moradores, movimentos sociais, etc. A seguir discorreremos sobre os tópicos que corporificarão a nossa atividade.

1. O que é Feminicídio?
2. O que é considerado Feminicídio
3. As Leis – nossa proteção
4. Aumento das taxas e por quê?
5. Como a sociedade/homens enxerga a mulher
6. O que fazer?

Desenvolvimento:

1- Conceito: O que é Feminicídio?

Feminicídio é uma palavra ligada diretamente ao gênero, e é ativada a partir da concepção do ódio contra as mulheres. É

qualquer violência contra mulher, seja física, psicológica, sexual, moral ou patrimonial. Designa-se Femicídio quando o crime é causado contra mulher pela condição de ser mulher.

Sendo reflexo da desigualdade social “naturalizada” ao longo dos anos, por razões diversas, entre esses, fatores culturais e sociais.

Estes fatores abrangem a desigualdade de gênero, a discriminação, a opressão e a crença de que os homens têm superioridade sobre as mulheres.

Historicamente a sociedade impôs à mulher uma condição de subserviência, fator que “legitimava” a penalização da mulher, frente a alguma ação considerada “inadequada”, diante ao seu “homem”.

A cultura grega antiga já assumia a misoginia com o “mito de Pandora”, a mulher que espalhou o mal no mundo ao abrir uma misteriosa caixa que não deveria ser aberta (Violência contra mulher. Portal-mundo da educação).

Esse tipo de narrativa já está bem marcado em nosso imaginário. Apesar de parecer inocente, ela acaba legitimando e fundamentando a cultura misógina, a grande responsável pela violência contra a mulher (Violência contra mulher. Portal-mundo da educação).

Na Idade Média, momento de grande poder da Igreja Católica na Europa, a caça às bruxas foi à narrativa mais difundida para legitimar a perseguição, a tortura e a morte de mulheres (Violência contra mulher. Portal-mundo da educação).

Entretanto, muitas mulheres não se conformaram com a situação, emergindo com força movimentos feministas, que mobilizou um

grande número de mulheres em prol da dignidade humana. Várias conquistas foram alcançadas, em decorrência dessas ações de repúdio, porém, estão longe de acabar.

“Trata-se de um crime de ódio. O conceito surgiu na década de 1970 com o fim de reconhecer e dar visibilidade à discriminação, opressão, desigualdade e violência sistemática contra as mulheres, que, em sua forma mais aguda, culmina na morte. Essa forma de assassinato não constitui um evento isolado e nem repentino ou inesperado; ao contrário, faz parte de um processo contínuo de violências, cujas raízes misóginas caracterizam o uso de violência extrema. Inclui uma vasta gama de abusos, desde verbais, físicos e sexuais, como o estupro, e diversas formas de mutilação e de barbárie.” Eleonora Menicucci, ministra chefe da Secretaria de Políticas para as Mulheres da Presidência (SPM-PR).

2- O que é considerado Femicídio?

Agressões físicas como espancamento, suplícios, estupros, esgravidade, perseguição sexual, mutilação genital, intervenção ginecológica imotivada, impedimento do aborto e da contracepção, esterilização forçada e outros atos dolosos que geram a morte das mulheres são considerados crimes a integridade física da mulher.

“O feminicídio representa a última etapa de um continuum de violência que leva à morte. Seu caráter violento evidencia a predominância de relações de gênero hierárquicas e

desiguais. Precedido por outros eventos, tais como abusos físicos e psicológicos, que tentam submeter as mulheres a uma lógica de dominação masculina e a um padrão cultural de subordinação que foi aprendido ao longo de gerações” - Lourdes Bandeira, socióloga, pesquisadora e professora da Universidade de Brasília.

A violência contra a mulher é uma das principais formas de violação dos Direitos Humanos, é um tipo de violência que pode atingir qualquer mulher, independente de onde vem, sua idade, classe social, ou etnia. E as conseqüências desse crime são consideradas multidimensionais, por atingirem não somente a vítima, mas a nossa sociedade como um todo (mercado de trabalho, âmbito familiar, saúde pública).

Sofrer esse tipo de violência afeta a liberdade de uma mulher permanentemente e limita suas possibilidades em contribuir de qualquer forma para sociedade. E isso ocorre justamente pela ameaça e medo constante na qual desenvolve sensações de desânimo, tristeza, fraqueza, raiva, inutilidade, insegurança, solidão e baixa auto-estima propensas a necessitar ainda mais dos serviços de saúde oferecidos pelo SUS.

Nesse sentido percebe-se que a violência contra a mulher assume repercussões nocivas ao sujeito humano podendo ocorrer por anos, de maneira lenta, articulada e pacífica, sendo capaz de extirpar a vida dessas cidadãs.

3- As Leis: nossa proteção.

Lei nº 13.104/2015 torna o Femicídio um homicídio qualificado e o coloca na lista de crimes hediondos, com penas mais altas, de 12 a 30 anos. Porém, nem sempre um assassinato contra mulher é um Femicídio, é necessário caracterizar o crime em questão. A violência doméstica, menosprezo e discriminação, são designados como crime de Femicídio.

O Femicídio é um dos mais graves problemas da atualidade, abrangendo todas as faixas etárias e culturas. É a morte intencional de uma mulher devido ao seu gênero, sendo também conhecida como violência de gênero. O Femicídio é um dos tipos mais graves de violência contra as mulheres e tem consequências devastadoras para a sociedade como um todo. (www.saopaulo.sp.br/Lei do Femicídio - Mulheres - Câmara Municipal de São Paulo).

A Lei dos Crimes Hediondos (Lei nº 8.072/90) coloca o Femicídio como um crime hediondo, o que faz com que o ritual do julgamento seja dado, especialmente, por um Tribunal do Júri.

São considerados crimes hediondos: tortura; tráfico de drogas; terrorismo; homicídio, quando praticado em atividade típica de grupo de extermínio, ainda que cometido por um só agente; homicídio qualificado; latrocínio; extorsão qualificada pela morte; extorsão mediante seqüestro e na forma qualificada; estupro; atentado violento ao pudor e o Femicídio. Essa lei inclui a violência

sexual que infelizmente tem como principais vítimas, as mulheres, crianças e adolescentes.

A Lei Carolina Dieckmann (12.737/2012), tornou crime a invasão de aparelhos eletrônicos para obtenção de dados particulares após o caso da atriz brasileira, Carolina Dieckmann, que em 2011 teve sua intimidade invadida por um grupo que hackeou seu computador e postou 36 fotos íntimas da atriz nas redes sociais, a atriz sofreu ameaças e extorsões.

Na época a atriz não recebeu nenhum amparo da legislação quanto à penalização dos criminosos, porém foi essa à primeira lei a criar penas aos crimes virtuais e aos delitos informáticos. Até os dias atuais, após 13 anos de sua publicação, é considerada a principal ferramenta para a segurança de brasileiros vítimas de crimes virtuais

Lei do Minuto Seguinte (12.845/2013): Oferecem garantias as vítimas de violência sexual, como atendimento imediato pelo SUS, amparo médico, psicológico e social, exames preventivos e informações sobre seus direitos.

A lei considera violência sexual qualquer relação não consentida seja um ato forçado, uma vítima inconsciente, drogada ou até mesmo quando a pessoa desiste de ter uma relação que antes era consentida.

Outra lei que também auxiliou as vítimas de violência sexual foi a Lei Joanna Maranhão (12.650/2015) que alterou os prazos quanto à prescrição de crimes de abusos sexuais de crianças e adolescentes. A prescrição passou a valer após a vítima completar 18 anos, e o prazo para denúncia aumentou para 20 anos.

A Lei Maria da Penha (11.340/2006) é considerada a terceira melhor lei do mundo, em relação à proteção violência contra mulheres, cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher e estabelece medidas de assistência e proteção.

A lei obteve esse nome em homenagem à enfermeira Maria da Penha Maia Fernandes, que foi agredida pelo marido durante seis anos. Ele tentou matá-la duas vezes. No primeiro caso, ela ficou paraplégica enquanto no segundo caso foi eletrocutada e afogada, somente depois de 19 anos, o responsável pelos crimes foi punido. O então marido de Maria da Penha foi condenado a quase 25 anos de prisão em regime fechado, mas cumpriu somente dois anos.

Durante todo esse processo Maria da Penha escreveu um livro, chamado “Sobrevivi... posso contar” e ainda criou o “Instituto Maria da Penha - IMP” no ano de 2009. A instituição atende a mulheres que sofrem delitos semelhantes ao que Maria da Penha, humilhadamente sofreu.

A origem dessas leis representa o quanto temos recursos contra a violência, mas por algum motivo, o Brasil ainda está em 5º nas taxas mais altas de feminicídio. A verdade, infelizmente, é que a justiça é falha. E acredito que se for direcionada a segurança das mulheres, ela é falha em qualquer lugar do mundo. Quem fica de olho em um homem que tem medida protetiva contra ele? Quem acompanha o namorado que não pareceu ter aceitado muito bem o final da relação? Quem liga para a polícia quando escuta gritos da vi-

zinha? Que policial fica de olho na casa que houve queixa de violência? Quem vai ser responsável pela prisão justa de todos os criminosos? Quem terá a coragem de entregar um amigo que abusou de uma mulher numa festa? O nosso objetivo é acolher as vítimas de toda essa violência, aparentemente, eterna. Mas é impossível não abordar sobre como sempre todos os projetos são voltados para as mulheres, que tentam viver, em vez de serem direcionados aos homens, que matam.

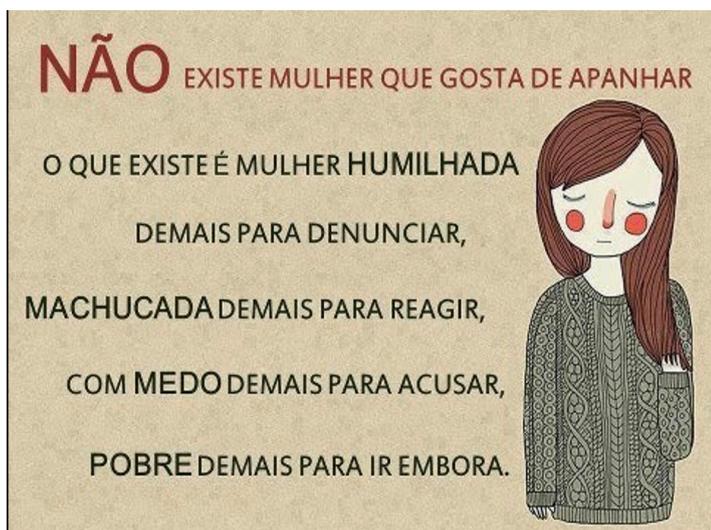
4 - Aumento das taxas e por quê?

O Brasil tem uma das taxas mais altas de Femicídio no mundo, de acordo com o Consórcio Monitor da Violência, a cada 6 horas uma mulher é morta no país, e estuprada a cada 9 minutos, principal fator é a falta de investimento em políticas públicas voltadas à prevenção da violência doméstica e à proteção das mulheres vitimadas.

Porém, esse não é o único fator importante, temos também o aumento do discurso de ódio, principalmente contra as mulheres. O discurso de ódio ou incitação ao ódio refere-se a qualquer comunicação que possa menosprezar ou incitar o ódio contra um indivíduo ou grupo, com base na raça, gênero, etnia, nacionalidade, religião, orientação sexual ou qualquer forma.

De acordo com a Safernet Brasil, em 2022, ocorreu um aumento de 67,77% nas denúncias de crimes envolvendo discurso de ódio na Internet influenciado pelas mídias sócias. Foram mais de 74 mil queixas encaminhadas para a Central Nacional de De-

núncias de Crimes Cibernéticos, sendo o maior número de denúncias desde 2017. (<https://new.safernet.org.br/>)



Fonte: <https://www.cressrj.org.br/wp-content/uploads/2015/11/violc3aan-cia-contra-mulher2.jpg>

5 - Como a sociedade/homens enxerga a mulher:

“Visualizem a cena: uma mulher chega a um bar, escolhe uma mesa, senta e pede uma cerveja. Ela está sozinha e quer apenas tomar a sua cerveja, olhar o movimento, mexer no celular ou ler um livro. Ela quer estar ali sozinha porque tem esse direito, mas para os homens que estão no mesmo local isso parece impossível. Eles olham, riem da situação, provocam e assediam essa mulher. Sim. Difícilmente uma mulher senta sozinha em um bar. Não porque ela não deseje isso, mas por-

que ela não consegue a mesma paz que os homens têm quando fazem a mesma coisa.”

Com essa citação do artigo “Homens não gostam de mulheres” de Paula Garruth inicio esse tópico. Por motivos culturais, sociais, bíblicos e confesso, alguns até desconhecidos, mulheres nasceram para servir aos homens, ser mãe, cuidar de sua família, ser dona de casa, delicadas, meigas, brancas, magras, caladas, recatadas e do lar. Afirmamos que por mais que esse princípio denote um paradigma ultrapassado, é real no mundo atual, dito pós-moderno.

Sáimos de casa usando saias e no dia seguinte saímos de calça devido aos olhares ardilosos do público masculino. Vamos a uma entrevista de emprego e perdemos a vaga para um homem, às vezes, sem formação, no ônibus sentimos alguém nos tocar, numa apresentação de projeto somos interrompidas diversas vezes.

Em um almoço de família ficamos na cozinha em vez de conversar com os outros no sofá, na maternidade assumimos todas as responsabilidades, na rua andamos com spray de pimenta na bolsa, somos chamadas de loucas por simplesmente contestar algo, e a noite somos convencidas ou não, mas, teremos relação sexual, quando ameaçadas nas delegacias escutamos: Não a nada que possamos fazer. Tudo isso acontece, devido aos estereótipos e imposições colocadas sobre o publico feminino.

. Na semana do Dia Internacional da Mulher em 2020, uma pesquisa feita pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) divulgou que 90% dos homens têm visão

negativa sobre as mulheres.

A pesquisa revelou que isso não está associado ao desenvolvimento de um país, e sim por conseqüências dos legados discriminatórios histórico e estrutural impostos sobre o público feminino.

Voltemos ao artigo de GARRUTH, Paula. “Homens não gostam de mulheres.” *Jornal Fato*, 2019:

Homens são, em sua maioria, homoafetivos. Eles admiram outros homens, conversam, buscam validação, respeitam, honram, veneram e imitam sempre outros homens. Às mulheres, eles desejam a servitude, devoção, feminilidade e sexo. No patriarcado e capitalismo as mulheres são parte do patrimônio, então quando um homem está com uma mulher é porque ele sabe que ela vai dá-lo algum tipo de privilégio social, principalmente a outros homens. Eles não nos vêem como iguais, nos vêem abaixo dele, sabe lá quantos degraus.

É muito interessante que quando este assunto é abordado, sempre observo homens se defendendo e dizendo que: “nem todos são assim”, como se eles estivessem vivendo em uma caverna e não foram afetados por um mundo inteiro machista.

6 - O que fazer?

É inadmissível não abordar nas escolas assuntos como: patriarcado, igualdade de gênero, equidade, Femicídio entre

outros. É preciso que todos os recursos que impeçam a violência contra mulher seja de cunho popular, que todas tenham informação e auxílio em vários locais; por mais simples que seja.

O poder público precisa ser cobrado e penalizado, por não comparecer em locais que foram feitas as denúncias de violência doméstica, que a lei protetiva de fato funcione, é preciso conscientizar a sociedade sobre o relacionamento abusivo.

As vítimas de relacionamento abusivo em muitos casos não são levadas a sério por retornarem a relação com seus parceiros, por os defenderem, por desistirem de fazer uma denuncia ou até mesmo por nunca falarem. Existem vários motivos pelo qual isso acontece: filhos, medo, condição financeira, ameaça, lavagem cerebral.

Mas antes de chegar a este ponto, é preciso saber a raiz de todo o problema. O importante é combater a naturalização dessa lógica masculina, a mulher necessita compreender os sinais para não continuar em um relacionamento abusivo.



«Nosso papel como sociedade é parar de tolerar e incentivar (mesmo de forma inconsciente) formas de agressividade contra mulheres»

Prof. Fernanda Onuma

Fonte: https://www.unifal-mg.edu.br/portal/wp-content/uploads/sites/52/2021/10/entrevista_fernanda.jpeg

ATIVIDADES PRÁTICAS:

As situações de aprendizagem ocorreram em espaços informais, como praças e parque públicos e não formais de educação, como igrejas, ongs, entre outros. O objetivo é atingir mulheres de todas as faixas etárias.

A metodologia utilizada será a participativa por meio de rodas de conversa, para a divulgação da atividade será entregue panfletos nos locais acima elencados.

O objetivo das atividades é sensibilizar as mulheres sobre os sinais de um relacionamento abusivo. Por ser essa questão presente na sociedade, porém, muitas mulheres ainda não sabem o que isso de fato significa ou como reconhecer essas características em seus relacionamentos.

Um relacionamento abusivo é aquele em que um dos parceiros exerce poder excessivo sobre o outro, com comportamentos, atitudes e comandos verbais que humilham, constroem e restringem o outro.

As atividades conforme colocado anteriormente serão dinamizados por meio de rodas de diálogo em que serão discutidos os temas abaixo:

1. Sinais de um relacionamento abusivo:

Qualquer tipo de abuso físico está obviamente incluído nos sinais de um relacionamento tóxico, como beliscões, apertos no braço, tapas, socos, chutes ou qualquer toque violento contra a outra pessoa.

- **Abuso emocional:** inclui humilhação, menosprezo, constrangimento em público, ameaças, comportamento controlador, ciúmes excessivo, chantagens, intimidação, desonra, dentre outras situações em que o parceiro causar de forma proposital.

Temos o falso conhecimento de que uma relação só é agressiva se existe violência física, é preciso ter muita coragem para analisar sua própria relação, pois muitas das vezes você pode reconhecer atitudes como essas no seu parceiro.

- **Abuso financeiro:** é quando o parceiro começa a ter total controle sobre a vida financeira da vítima. Podendo acontecer de diversas maneiras, impedir que você trabalhe, negar acesso a sua conta bancária, ou qualquer outra forma que prive sua liberdade pessoal.
- **Abuso sexual:** é um sinal muito comum de um relacionamento abusivo, mas que muita das vezes é o mais difícil de ser identificado. Pois muitas pessoas acreditam que abuso sexual só ocorre quando está sendo forçada a ter relações sexuais de uma maneira violenta e por alguém que não conhece. E esse é o maior erro que se pode cometer. O abuso sexual pode acontecer de diferentes formas, com o próprio ficante, namorado ou marido.

O fato de já ter tido relação sexual com alguém, não significa que você é obrigada a ter sempre que o outro desejar.

Qualquer tipo de contato sexual em que houve o convencimento e não o consentimento é considerado uma forma de abuso. Engravidar uma mulher contra a sua vontade ou forçá-la a um aborto também está incluída nesta prática de abusos.

2. Como sair de um relacionamento abusivo

Sair de uma relação como essa é muito mais difícil do que parece, observa-se que muitas pessoas não levam a sério as vítimas por muita das vezes essas voltarem para aquela relação, ou não conseguirem sair dela.

Mas é preciso entender o porquê disso acontecer, é como uma lavagem cerebral capaz de mudar totalmente uma pessoa.

Nenhuma mulher gosta de apanhar como já ouvimos muitas vezes, muita das vezes é falta de liberdade financeira, filhos, medo, ameaças, chantagens e diversos fatores que fazem a mulher ser submissa e aceitar qualquer situação mesmo que tire sua própria dignidade.

Sabemos da complexidade que é sair de um relacionamento tóxico e que nem sempre essas dicas dão certo com qualquer pessoa dependendo de quão grave esteja a relação e por isso é muito importante analisar antes mesmo de começar um relacionamento. Entretanto, por mais difícil que seja não é impossível. Existem atitudes que poderão ser adotadas, que auxiliarão para finalização desses relacionamentos de cunho abusivo.

- **Faça uma auto-análise do seu relacionamento:**

Como já foi apontado, é preciso reconhecer se você está em uma relação abusiva. Esse passo é muito importante, pois somente a vítima poderá reconhecer isso, é preciso não só procurar características abusivas no seu parceiro como perceber se você mesma mudou após início do relacionamento.

- **Alguns indícios:**

1. Se antes você estava rodeada de amigos e hoje parece que seu único amigo é ele,
2. Se antes você era mais confiante e hoje tem problemas de baixa auto-estima,
3. Se antes dele você era uma pessoa mais feliz,
4. Se você o defende e o justifica para outras pessoas e principalmente se você não se vê tendo uma vida sem ele.

- **Busque apoio:**

A lavagem cerebral é capaz de fazer você acreditar que amanhã ele se tornará um homem melhor, que o amor é maior que qualquer tipo de violência, tristeza ou problemas no relacionamento. **Não é!**

Busque ajuda policial, ligue 180 (é um serviço de utilidade pública para o enfrentamento da violência contra mulher), se não conseguir ficar sozinha, finja pedir algum alimento ou produto que a pessoa do outro lado da ligação entenderá sua situação.

É muito comum nesses tipos de relacionamento o abusador afastar a vítima da família, amigos e qualquer pessoa que possa alertá-la.

Busque apoio como moradia, aconselhamento; afeto em pessoas próximas para enfrentando da situação;

- **Finalize o relacionamento de forma segura e assertiva:**

Quando for terminar o relacionamento, procure conversar em lugares públicos que tenha policiamento que possa a ajudar caso, seja necessário.

É importante evitar discussões e apresentar segurança na decisão a ser tomada, para não ocorrer manipulações caso o

parceiro venha tentar.

Após o término, não mantenha proximidade, evite contato.

- **Cuide de si mesma:**

Sintomas como baixa auto-estima, dependência emocional, insegurança, tristeza, depressão e solidão podem ocorrer, então, se possível, procure tratamento psicológico, para auxiliar nesse processo de autoconhecimento. Procure ter novos hobbies, cuidar da sua aparência, frequentar lugares com amigos, por mais difícil que tudo isso seja. **Jamais desista de você!**

IMPACTOS ESPERADOS:

Com essa proposta de trabalho, deseja-se promover a compreensão do público feminino acerca do Femicídio, e ainda apresentar caminhos que as possibilitem combater ações de violência e abuso contra a mulher.

E ainda contribuir para a sensibilização de outras mulheres, que impulsionem ações a favor da segurança, respeito e segurança de mulheres como

mães, tias, avós, primas, sobrinhas, futura filha e todas as mulheres que não estão alimentando as estatísticas do Femicídio. Esperamos e almejamos que com esse projeto e as atividades práticas, possamos atingir mulheres, que infelizmente, estejam nessa situação tão delicada.

Basta!
DE VIOLÊNCIA
CONTRA A
MULHER.



Fonte: <https://seconci.com.br/site/wp-content/uploads/2019/03/Seconci-violencia-contra-a-mulher-1.png>

REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFIAS

Violência contra mulher. Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/sociologia/violencia-contra-a-mulher.htm>

GARRUTH, Paula. “Homens não gostam de mulheres.” *Jornal Fato*, 2019. Disponível em: <https://jornalfato.com.br/artigos/homens-nao-gostam-de-mulheres,299463.jhtml>. Acesso em 20 de outubro de 2023.

PORFÍRIO, Francisco. “Feminicídio”; *Brasil Escola*. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/sociologia/feminicidio.htm>. Acesso em 27 de outubro de 2023.

ALEXANDRE, Lucas. “Desvendando as causas do feminicídio”; JusBrasil, 2023. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/artigos/desvendando-as-causas-do-femicidio/1832742703>. Acesso em 27 de outubro de 2023.

DUARTE, Camila. “HOMENS AMAM OUTROS HOMENS: O OLHAR PARA A MULHER É APENAS SEXUAL” Catarinas, 2021. Disponível em: <https://catarinas.info/homens-amam-outros-homens-o-olhar-para-a-mulher-e-apenas-sexual/>. Acesso em 10 de outubro de 2023.

ARANTES, Paula. “Crimes envolvendo discurso de ódio na internet cresceram em 2022” Estados de Minas, 2022. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2023/03/21/interna_gerais,1471631/crimes-envolvendo-discurso-de-odio-na-internet-cresceram-67-7-em-2022.shtml Acesso em 12 de outubro de 2023

|1| NETTO, Leônidas de Albuquerque. MOURA, Maria Aparecida V. QUEIROZ, Ana Beatriz A. TYRRELL, Maria Antonieta R. BRAVO, María del Mar P. Violência contra a mulher e suas consequências.



CAPÍTULO 2

AS MÍDIAS SOCIAIS E AS FAKENEWS

FABRINNE GONÇALVES DE SOUZA
LARISSA MUNIZ CARNEIRO DE ARAÚJO
LUCAS FERREIRA DE OLIVEIRA
PÂMELA AGUIAR LACERDA
SAIMARA PEREZ DA ROCHA

*“Se a educação sozinha não transforma a sociedade,
sem ela tampouco a sociedade muda”.*

PAULO FREIRE



INTRODUÇÃO:

De acordo com o pensador Bertrand Russell (1912), a origem dos maiores problemas causados pelos seres humanos uns aos outros reside no fato de que as pessoas serem consideradas muito seguras em relação a algo que, na maioria das vezes, é falso. Partindo desse princípio, pode-se relacionar o pensamento do filósofo com a realidade que o século XXI enfrenta mediante as Fake News.

Nesse sentido torna-se relevante uma proposta educativa que tenha como objetivo refletir sobre os problemas ocasionados pelas fakenews e demais mídias sociais, buscando mecanismos para seu combate. E com isso, proteger a comunidade escolar e conseqüentemente a sociedade. Além de promover um ambiente de informações mais confiáveis e acessíveis para segurança de todos.

JUSTIFICATIVA:

As fakenews, termo em inglês para notícias falsas, vem ganhando muito destaque nos últimos anos, em decorrência da velocidade em que as informações conseguem ser divulgadas nas mídias sociais, em decorrência da era digital.

Essas notícias falsas, muitas vezes criadas com a intenção de enganar ou manipular o público, representam um grande problema que necessita ser enfrentado na sociedade atual.

Com a intenção de sensibilizar sobre o tema acima questionado, cuja premissa é aprender a identificar notícias falsas e ain-

da, alertar sobre as conseqüências que essas podem causar, foi desenvolvida a proposta de elaboração de um e-book pelos (as) alunos (as) da escola das licenciaturas UNISUAM, denominado: Ambientes inovadores de aprendizagem: os saberes construídos pelos (as) alunos (as) do 6º módulo das escolas de licenciaturas da UNISUAM. Em que serão inseridos capítulos que abordem temas atuais que afetam diretamente a formação dos educandos em seus ambientes educacionais.

Esse capítulo destina-se a refletir e questionar as informações advindas as redes digitais e terá o seguinte título: As mídias sociais e as fakenews.

A seguir o detalhamento da proposta ora apresentada.

APRESENTAÇÃO:

Este tema foi escolhido e desenvolvido por meio de estudos feitos através de sites, vídeos e outros conteúdos disponíveis online, além de experiências pessoais, pois todos já visualizaram alguma fakenews sendo essas compartilhadas nas mídias sociais. Sendo um tema importante para formação social das crianças, e que deve ser visto e compreendido desde a infância, de forma didática e lúdica, pois hoje em dia, quase em sua totalidade crianças têm acesso a celulares, tablets e computadores, e com isso, possuem contas em redes sociais, logo estão expostas e vulneráveis a acreditarem em falsas notícias que acessam nas mídias digitais.

PÚBLICO ALVO:

Estudantes do 5º ano do ensino fundamental, com faixa etária de 10 anos de idade.

DESENVOLVIMENTO:

INTRODUÇÃO DO CAPÍTULO:

Esse material educativo propõe ampliar um espaço de reflexão sobre os perigos que se escondem por trás dos posts sugestivos, que atraem a atenção do público infantil.

Nesse sentido, será apresentado aos alunos como a fakenews é uma ferramenta que deforma o pensamento e a cognição humana, dificultando o desenvolvimento socioeducativo, dos que dela fazem uso.

Tornando-se natural e comum a sua utilização, tendo como consequência, prejuízos a sua formação, produzindo e perpetuando, um ciclo repetitivo dentro da sociedade.

A seguir serão explicitados os tópicos que darão forma a proposta ora apresentada.

I - Sai pra lá, fake news:

Olá galera, as fakenews não são exclusividade do mundo dos adultos. Também é um assunto muito importante para vocês, pois também aparecem na infância e na adolescência e por isso precisamos olhar com atenção e ter muito cuidado.

A popularização das redes sociais, a má fé e a falta de uma vigilância ética fazem com que estas notícias falsas ganhem espaço e possam confundir suas cabecinhas.

Exatamente por isso devem ser discutidas e tratadas com mais seriedade, pois é através do debate que vamos aprender a nos orientar e ter mais cuidado quando entramos na rede.

Você sabia que ao navegar na rede para ver aquele you-tuber ou até mesmo estudar, é preciso estar atento para averiguar a verdade dos dados que recebemos?!

Pois é... Por isso vocês fazem parte desse assunto tão importante, e vão nos ajudar a criar uma sociedade questionadora e atenta.

II - As conseqüências causadas pelas fakenews.

Se nem os adultos estão imunes aos golpes, imaginem vocês!
Vamos te contar um segredo galera:

A internet esconde perigos que vocês não conseguem imaginar!
Especialistas dizem que as fakenews que ameaçam o público menor de idade podem levar a furtos de dados, clonagem de dispositivos, pedofilia, entre outros.

Ninguém deseja isso, não é mesmo?

O alerta também vai para seus aplicativos de mensagens, por exemplo, grupos de whatsapp, principalmente os temáticos, como de fã clubes, jogos e famosos.

O especialista Eduardo Pinheiro diz: “Nesses grupos também há pessoas estranhas. Estão ali só para atrair vítimas, geralmente usando uma fakenews, jogando uma isca para ver quem vai

figurar. A criança que não estiver preparada e devidamente orientada vai acabar caindo nessa fakenews maliciosa.” (colocar fonte)

Mas agora que vocês estão conscientes e espertos sobre esse assunto, vão estar atentos as armadilhas de qualquer mídia social! Além de repassar a informação para os amiguinhos, para que eles também entrem nesse debate com a gente!

III - Crianças protegidas, fake News fora de vista!

Agora o recado vai para seu papai e mamãe, ou seu responsável. Se as crianças de hoje não forem habilitadas a se defender de informações falsas, que líderes terão no futuro?

A relação das famílias com a informação é muito particular. Porém, é preciso considerar que é essa relação, em grande parte, que constrói as bases do que a criança entende por conhecimento.

Por isso, vale a pena não só escolher bem as fontes de onde obter informação, mas também aproximar os filhos das conversas consideradas “de adulto”, desde que isso seja feito de forma consciente e com a devida orientação, para não sobrecarregar nem traumatizar a criança.

O que devemos fazer é formar adultos críticos. É preciso trazer a família mais para perto, a própria família tem que querer falar sobre isso, chamando a atenção para a importância de um debate claro e democrático com os filhos. Abrir espaço para o diálogo ajuda também a fortalecer os vínculos.

O que podemos fazer para defendermos nossas crianças?

- Tenha uma visão equilibrada do mundo ao seu redor
- Têm discussões informadas sobre questões pelas quais são apaixonados
- Forme uma visão realista das diferentes partes da sociedade
- Expressam-se online de maneiras que considerem outros pontos de vista

ATIVIDADES PRÁTICAS:

Que tal escolhermos algumas atividades que mostrem como é fácil vermos ou espalharmos, mas também reconhecermos alguma fakenews?

Atividade 1: Vídeo no TikTok sobre falsa morte do youtuber Lucas Neto e mensagem de alerta no final.

Como vocês adoram o youtuber Lucas Neto, podemos usá-lo de exemplo para criarmos um vídeo espalhando uma fake-news sobre ele.

O vídeo pode ter 30 segundos, que é o tamanho de vídeo que geralmente vocês vêem no TikTok, o que também é importante, já que hoje em dia as pessoas assistem mais vídeos curtos.

Pegaremos algumas fotos dele na internet e colocaremos uma voz de um programa do Google no fundo, enquanto passam às fotos, a voz diz o seguinte: “Confirmada na manhã de hoje, a morte do youtuber Lucas Neto, dentro de sua casa, no Rio de Janeiro.”

Quando acabar a gravação, o fundo vai ficar preto e irão aparecer letras vermelhas bem grandes dizendo: **CUIDADO COM A FAKE NEWS!**

Logo em seguida, entra um texto em letras brancas, ainda no fundo preto, que diz: “Levou um sustão, né? ainda bem que o Lucas Neto não morreu, essa é só mais uma notícia falsa que está sendo espalhada na internet, e se você não ficasse até o final do vídeo, até você podia ter caído nessa.

Afinal, se os adultos caem, imaginem vocês que ainda estão aprendendo.

Muito cuidado e atenção com o que vocês clicam, vêem e escutam, uma fakenews pode estar em qualquer lugar.

Atividade 2: Verdadeiro ou falso: identificando as notícias

Agora que vocês já viram como é fácil achar uma notícia falsa na internet, podemos dividir grupos e pesquisar links, reportagens e matérias sobre assuntos que despertem a curiosidade de vocês.

Cada grupo vai escolher um tema e trazer várias notícias que estejam publicadas na internet sobre o tema, apresentando as notícias para os outros grupos. Os grupos devem tentar reconhecer qual notícia é verdadeira e qual notícia é falsa, e assim todos os grupos participam.

Atividade 3: Quiz

Vamos usar cartolinas de cores diferentes para criarmos um jogo no estilo de perguntas. Cortaremos pedaços das cartolinas em formatos de cartões e escreveremos as perguntas neles.

Exemplos de perguntas: Como posso identificar uma fakenews? Como posso ajudar a combater as fakenews? Como as fakenews podem afetar a sociedade?

Em um círculo, cada um de vocês receberá pedaços de cartolinas verdes e vermelhos e sempre que algum coleguinha responder uma pergunta, vocês poderão levantar o cartão verde se concordam com a resposta do colega, ou vermelha se querem responder algo diferente ou completar alguma resposta.

Assim, todos podem falar sobre as fakesnews da forma que entenderam melhor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS, PARA NÃO FINALIZAR:

Ao final deste capítulo deseja-se que tenhamos abordado o tema “Fake News e as mídias sociais” de forma clara e compreensível, para que todos que tenham acesso ao nosso material, crianças e adultos, compreendam a seriedade e as consequências de notícias falsas nas redes sociais e na internet, que prejudicam toda a sociedade.

Este tema representa um desafio crescente em nosso mundo digital, principalmente para as crianças. Sendo assim, o projeto elaborado visa a sensibilização sobre o assunto, e trazer para os pequenos as causas, e consequências e como evitar ser atingido nas redes, desenvolvendo desde a educação básica cidadãos críticos e questionadores.

O presente trabalho também não deixa de lado o papel dos responsáveis, cuja ação também é fundamental.

Portanto, o grupo de Licenciaturas UNISUAM 2023.2,

continua contribuindo para a formação acadêmica de futuros pedagogos preparados e atentos aos assuntos contemporâneos da educação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

As redes sociais no mundo das fake news. Disponível em: <<https://reporterbrasil.org.br/2019/06/as-redes-sociais-no-mundo-das-fake-news/>>. Acesso em: 9 nov. 2023.

Sai pra lá, fake news! Por uma infância segura e bem informada. Disponível em: <<https://leiturinha.com.br/blog/fake-news/>>. Acesso em: 9 nov. 2023.

TRIBUNA ONLINE. Fake news ameaçam crianças e adolescentes. Disponível em: <<https://tribunaonline.com.br/cidades/fake-news-ameacam-criancas-e-adolescentes-62865?home=esp%C3%ADrito+santo>>. Acesso em: 9 nov. 2023.

SHEILA FREITAS GOMES; COELHO, J.; AGNALDO ARROIO. Fake News Científicas: Percepção, Persuasão e Letramento. *Ciência & Educação*, v. 26, 1 jan. 2020.

GIGLIOTTI, A. Por que precisamos falar sobre Fake News? Disponível em: <<https://vejario.abril.com.br/coluna/manual-de-sobrevivencia-no-seculo-21/por-que-precisamos-falar-sobre-fake-news/>>. Acesso em: 9 nov. 2023.

PENZANI, R. Notícias falsas na internet: como proteger as crianças na era das fake news? Disponível em: <<https://lunetas.com.br/fake-news-na-internet-como-protoger-as-criancas/>>. Acesso em: 9 nov. 2023.

CAPÍTULO 3

BULLYING- COMBATENDO O MAL PELA RAIZ

ALESSANDRA CRISTINA RIBEIRO DE SÁ
CARLA CRISTINA MENDES ALMEIDA
FERNANDA DE MORAES SILVA
JULIANA KLEINLEIN FERREIRA
MARIA CAROLINA DE SOUZA POMPILIO DA SILVA

*“Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os
homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo”.*

PAULO FREIRE



Este capítulo objetiva mobilizar a comunidade escolar para reflexão sobre os impactos causados pelo bullying, abordando a complexidade causada no ambiente Escolar.

Nesse sentido torna-se oportuno refletir sobre este tema com a turma do 4º ano do Ensino Fundamental, cuja premissa é impulsionar empatia, respeito, solidariedade, buscando uma cultura de paz.

É sabido que o Bullying está presente em escolas de todo o país, e que afeta de forma crítica a saúde mental de milhares de jovens, ecoando até a vida adulta desses sujeitos sociais.

Sendo assim, esse capítulo desenvolverá uma proposta educativa de forma simplificada sobre o tema em questão, abordando os efeitos nefastos do Bullying e seus impactos, também apresentaremos atividades que visam sensibilizar os partícipes da comunidade escolar.

É importante apontar que o bullying praticado no ambiente escolar, gera violência entre os pares, deixando seqüelas profundas na vida da suposta vítima.

Conforme aponta Fante(2002),o bullying não se trata de um episódio esporádico ou de brincadeiras próprias de crianças; é um fenômeno violento que se dá em todas as escolas, e que propicia uma vida de sofrimento para uns e de conformismo para outros.

Para atender as questões acima mencionadas, o capítulo foi dividido em quatro tópicos que visam colaborar para diminuição das ações do bullying na escola.

É relevante esclarecer que essa proposta está inserida no e-book, denominado: Ambientes inovadores de aprendizagem: os saberes construídos pelos (as) alunos (as) do 6º módulo da escola das licenciaturas da UNISUAM.

DESENVOLVIMENTO:

I - BULLYING: O que é isso?

BULLYING palavra originalmente inglesa que significa intimidação, agressão que se repetem sobre um determinado indivíduo que não é bem aceito em um determinado grupo social. (<https://brasilecola.uol.com.br/sociologia/bullying.htm>).

É uma forma de violência que tem crescido no ambiente escolar, fazendo vítimas em diversos contextos, ou seja, Escola, Família, Universidade, Vizinhaça ou Local de trabalho.

Começa com um simples apelido “inofensivo”, mas que pode ter grande repercussão para a pessoa/ vítima atingida.

O bullying, também chamado de intimidação sistemática, é “todo ato de violência física ou psicológica, intencional e repetitivo que ocorre sem motivação evidente, praticado por indivíduo ou grupo, contra uma ou mais pessoas, com o objetivo de intimidá-la ou agredi-la, causando dor e angústia à vítima, em uma relação de desequilíbrio de poder entre as partes envolvidas”, conforme definido pela Lei nº 13.185/2015, que instituiu o Programa de Combate à Intimidação Sistemática

(Bullying). (https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13185.htm).

O sujeito afligido por ações de Bullying, na maioria dos casos vivencia esse processo de forma solitária. Observa-se que além do isolamento ou da queda do aproveitamento escolar, em alguns casos ocorre um processo de adoecimento emocional, tais como: sintomas depressivos, estresse elevado; afetando a personalidade dos jovens ou adolescentes.

Ao ser ridicularizado o sujeito aprendiz passa a não querer mais enfrentar o contato social, fazendo-o perder o prazer por atividades coletivas, como, por exemplo, freqüentar a escola, ou em situação que seja necessário se expor, por medo de ser novamente vítima desses “atentados”.

Assim é necessário que as instituições escolares criem mecanismos que combata veemente tal situação, que desumaniza o sujeito da sua condição “humana”.

Em decorrência dessa forte demanda, no próximo tópico, a abordagem será acerca do papel da escola frente à ação do BULLYING.

II – BULLYING E O PAPEL DA ESCOLA:

As discussões e reflexões a respeito do bullying são relativamente recentes, chamando a atenção dos especialistas em comportamento humano apenas nas últimas duas décadas. Até a década de 1970, o bullying não era retratado como um problema social.

Em pesquisa recente do IBGE, em 2015, foi observado que 7,4% dos alunos sofrem algum tipo de zombaria/bullying e se sentem humilhados com isso, enquanto 19,8% já expuseram algum colega a uma situação vexatória. (<https://valor.globo.com/brasil/noticia/2022/07/13/ibge-40-pontos-percentuais-dos-alunos-j-sofreram-bullying-e-24-dizem-que-vida-no-vale-a-pena.ghtml>).

Isso, sem considerar os episódios de racismo, as piadinhas por questões de gênero ou religião, além de pequenas agressões físicas que, vez por outra, acabam passando despercebidas, assim como o isolamento social, as intimidações e até pequenos furtos.

Por esse motivo, detectar e combater essa forma de violência se tornou um grande desafio para profissionais da área da educação.

Abaixo seguem orientações para os docentes, que juntamente com os demais profissionais da comunidade escolar, poderão prevenir a ação do bullying no cotidiano escolar como:

- Manter um diálogo aberto com os alunos.
- Aliar-se as famílias.
- Buscar a sensibilização sobre o problema;
- Debater idéias.
- Estabelecer normas.
- Promover atividades de interação.
- Incentivar os alunos a se expressarem.

Essas sugestões devem fazer parte das atividades diárias da escola, uma vez que a ação do Bullying ocorre das formas mais “criativas” possíveis.

A repercussão de casos relacionados à violência de bullying incentivou, em 7 de abril de 2016, a criação do Dia Nacional de Combate ao Bullying e à Violência na Escola, instituído como uma iniciativa para chamar a atenção da sociedade, para esse problema e estimular a reflexão sobre o tema.

Entretanto, o real combate dessa “chaga”, precisa acontecer a todo tempo nos mais diversos cenários e espaços sociais.

Segundo o advogado Thiago Señorán Rovai, “essas medidas devem ser incorporadas ao currículo e à estrutura organizacional de todas as escolas. Ela dará aos pais, alunos e a sociedade em geral fundamentos para responsabilizar as instituições de ensino co-niventes com essa prática”. (<https://www.jusbrasil.com.br/noticias/bullying-aos-olhos-da-lei/561700584>)

Embora o combate ao bullying ocorra na ambiência escolar, essa ação também precisa estar presente nos espaços familiares.

A postura/comportamento dos pais no relacionamento com as pessoas em geral servem como exemplo, sendo negativo ou positivo, pois “ensinam” aos filhos como devem ser tratados os colegas de escola.

Além do exemplo, é preciso conversar com as crianças e adolescente sobre os danos irreparáveis que as ações do bullying podem causar, pontua a socióloga e educadora Lourdes Atié. Segundo a autora, a escola e a família podem colaborar, evitando situações de repetição de maus tratos entre os estudantes, mas

tendo cuidado para não rotular todos os confrontos como bullying, pois o excesso de proteção pode transformar uma brincadeira em algo extremamente negativo, por confusão ou precipitação. (<https://www.inteligenciadevida.com.br/pt/conteudo/bullying-familia-escola/>)

No próximo tópico será abordado como o simples ato de brincar, pode gerar situações ou ações que levem a intimidação ou agressão dos participantes.

III - PORQUE AS CRIANÇAS BRINCAM DE FORMA INADEQUADA NAS ESCOLAS:

O Profissional que trabalha em sala de aula tem ciência de que este ambiente é marcado pela diversidade, os educadores precisam lidar com as diferenças dos estudantes, promovendo a interação de todos, valorando as especificidades

Essa tarefa não é simples e requer preparo por parte dos docentes, um fator que exige cautela, no espaço de aula, é o comportamento disruptivo, que determina a personalidade de alguns sujeitos.

Mas, o que é comportamento disruptivo?

-O que isso significa?

Também chamado de comportamento socialmente inadequado, essas condutas são percebidas entre crianças. Atitudes como bater e gritar, por exemplos podem ser considerados como parte integrante do comportamento disruptivo. Porém, é preciso analisar a situação.

Rissato (2022) afirma que:

Um comportamento disruptivo é um padrão persistente de uma conduta negativa, desafiadora ou até mesmo hostil em algumas situações. Essas mudanças comportamentais são sempre dirigidas às figuras de autoridade daquele momento, podendo ser pais, pessoas cuidadoras, professoras ou pessoas mais velhas (<https://genialcare.com.br/blog/comportamentodisruptivo/>)

- Gritar é um comportamento não adequado?

Se as crianças estiverem em uma brincadeira, em um jogo de futebol ou outra atividade lúdica, nada mais normal que agir dessa forma, vai depender da intensidade.

- Bater é um comportamento não adequado?

Todos precisam se defender. Da mesma maneira que as crianças brincam, elas também brigam entre si, nesse momento, aprendem a utilizar a defesa, ou seja, no momento de ameaça, a primeira reação é tentar alguma estratégia para se proteger, como um tapa, ou empurrão, por exemplo.

É importante pontuar que depende da situação que antecede essa ocasião ou ação (que leva o sujeito a agir dessa forma). Além disso, deve-se analisar qual a consequência desses atos.

Estudos mostram que a maneira cujos adultos respondem a esses comportamentos das crianças refletem diretamente na reação da criança com seus pares. (<https://www.bbc.com/portuguese/vert-fut-52945177>)

Pesquisas afirmam que o bullying normalmente diz mais sobre o agressor em si do que sobre as próprias vítimas. (<https://www.bbc.com/portuguese/vert-fut-52945177>)

As crianças aprendem inicialmente obrigações morais pela imposição dos pais ou imposição do círculo social, pois não tem compreensão da regra (coação). Aprendem o que é certo e errado por meio da obrigação, não percebendo o porquê de estar certo ou errado. (<https://revistas.ufg.br/fef/article/view/4520/4695>)

Para que o desenvolvimento da moral ocorra, Piaget (1994) sugere que são necessários espíritos que se interpenetrem e que se relacionem entre si, portanto, em igualdade e com reciprocidade, em realidades que não criem o respeito unilateral, mas sim o respeito mútuo, portanto, a cooperação.

Dessa forma, observa-se que a agressividade pode estar ligada ao desenvolvimento moral da criança, pois a criança que não respeita condutas morais, ou seja, não acata regras, tem dificuldade em controlar suas demonstrações emocionais, com isso, pode manifestar-se de forma agressiva.

Este estado pode ser fruto de um ambiente coercivo, pela imposição dos adultos, ou pela falta de afetividade positiva no ambiente familiar.

Sendo assim, para que a agressividade diminua nessa faixa etária, é necessário proporcionar também a criança o desenvolvimento de condutas morais, necessárias a vida humana.

Na infância, as crianças precisam da atenção e dedicação dos pais, pois são esses que lhes apresentarão o mundo através do afeto.

A Influência dessa experiência poderá definir não só a personalidade futura dessa criança, mas também seus relacionamentos amorosos, quando adultos. Esses padrões experimentados na infância podem ajudar a perpetuar comportamentos na construção da sua nova família.

Teóricos da educação afirmam que crianças pequenas aprendem através da imitação e os pais são os modelos de conduta.

Os pequenos começam a imitar a mãe ou o pai em brincadeiras e, conforme vão crescendo, isso se internaliza e se incorpora no comportamento de maneira inconsciente.

O Pediatra Daniel Beck afirma que:

“Quando a criança imita uma pessoa, é como se ela percebesse o que o outro está sentindo. Se faz uma careta de alguém que está triste, é como se ela também pudesse sentir aquela tristeza. Então, essa é mais uma forma de a criança aprender uma habilidade básica do ser humano, que é a empatia. (<https://box.novaescola.org.br/etapa/1/educacaoinfantil/caixa/361/o-papel-da-imitacao-na-aprendizagem/conteudo/20773>)

Essas relações vivenciadas na infância também têm impacto na formação da personalidade da criança e na sua percepção sobre o mundo. De acordo com a neuropsicóloga Beatriz Sant’Anna, ainda na infância construímos crenças sobre o mundo que se tornam regras rígidas que servirão de base para seus comportamentos. (<https://www.bbc.com/portuguese/vert-fut-52945177>).

“Não que seja algo irreversível ou fixo, mas é altamente desejável que se desenvolvam vínculos afetivos positivos precoces, pois eles certamente afetam os relacionamentos posteriores”, completa a neuropsicóloga Beatriz. (<https://www.bbc.com/portuguese/vert-fut-52945177>)

IV- Pequenas atitudes podem tornar o ambiente escolar mais saudável e menos propenso ao bullying.

O bullying pode estar presente em ambientes escolares, e um dos primeiros passos para começar a resolver o problema é reconhecendo que ele provavelmente existe na sua instituição de ensino.

“A escola que afirma não ter bullying ou não sabe o que é, ou está negando sua existência”, afirma o pediatra Lauro Monteiro Filho, fundador da Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e à Adolescência (Abrapia) (ano 2002).

É necessário, segundo o especialista (2002), informar a professores e alunos sobre a questão, deixar claro que a prática não será admitida no estabelecimento e atuar de maneira efetiva no combate ao bullying.

Além, de explicitar a intolerância ao Bullying entre alunos e professores, outras medidas deverão ser tomadas, a proposta curricular da escola deve de forma integrada ou transversalizada, desenvolver habilidades, competências e valores que sensibilizem os educandos sobre os transtornos e problemas ocasionados por essa prática de intimidação.

V – Como fazer a mediação de conflitos e criar plano de convivência

A escola não deve ser apenas um local de ensino formal, mas também de formação cidadã, de direitos e deveres, amizade, cooperação e solidariedade. Agir contra o bullying é uma forma barata e eficiente de diminuir a violência entre estudantes e na sociedade” Abrapia (2002).

A citada instituição sugere as seguintes atitudes para um ambiente saudável na escola:

1. Conversar com os alunos e escutar atentamente reclamações ou sugestões;
2. Estimular os estudantes a informar os casos;
3. Reconhecer e valorizar as atitudes da garotada no combate ao problema;
4. Criar com os estudantes regras de disciplina para a classe em coerência com o regimento escolar;
5. Estimular lideranças positivas entre os alunos, prevenindo futuros casos;
6. Interferir diretamente nos grupos, o quanto antes, para quebrar a dinâmica do bullying.

É importante compreender o que é o bullying, diferenciá-lo de outras situações que ocorrem na escola e, principalmente, encontrar uma forma possível de prevenir e combater o problema, antes que o episódio de violência escolar aconteça inclusive ataques em escolas.

Toda ação de bullying é uma agressão, mas nem toda a agressão é classificada como bullying, com isso, faz-se necessário que os profissionais que atuam diretamente com os sujeitos educativos, estejam aptos para identificar e atuar sobre uma ação de bullying.

Para Telma Vinha (2016) doutora em Psicologia Educacional e professora

da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas(Unicamp). para ser entendida como bullying, a agressão física ou moral deve apresentar quatro características:

1. Intenção do autor de ferir o alvo;
2. Repetição da agressão;
3. Presença de um público espectador;
4. Concordância do alvo com relação à ofensa.

O bullying não é um fenômeno recente, sempre existiu. O primeiro a relacionar a palavra a um fenômeno foi Dan Olweus (1931-2020), professor da Universidade da Noruega, no fim da década de 1970. Ao estudar as tendências suicidas entre adolescentes, o pesquisador descobriu que a maioria desses jovens tinha sofrido algum tipo de ameaça e que, portanto, o bullying era um mal a ser combatido.

A popularidade do fenômeno cresceu com a influência dos meios eletrônicos, como a internet e as reportagens na televisão, pois os apelidos pejorativos e as brincadeiras ofensivas foram tomando proporções maiores. “O que chamam de brincadeira pode destruir a vida do outro. É também responsabilidade da escola abrir

espaço para discutir o fenômeno”, afirma Telma (2016). (<https://novaescola.org.br/planos-de-aula/fundamental/5ano/historia/o-bullying-e-seu-impacto-na-vida-em-sociedade/5709>)

Tendo como base os aspectos anteriormente abordados, suscita-se que o combate ao bullying é uma ação ininterrupta em prol do desenvolvimento de espaços escolares justos e humanizados.

No próximo tópico serão apresentadas atividades didáticas, que visam contribuir com a proposta apresentado no início desse capítulo.

IV - ATIVIDADES:

Com essas atividades iremos aguçar sentimentos e atitudes que irão contribuir com a melhoria das relações no ambiente escolar, como empatia, respeito, solidariedade e trabalho em equipe.

Metodologia: Utilizaremos a metodologia ativa, assim a autonomia o trabalho em equipe e a reflexão da realidade serão estimulados e trabalhados dentro das atividades propostas.

Antes de começarmos a fazer qualquer atividade iremos conversar sobre cada uma das propostas, e qual o objetivo delas. Precisamos trazê-los para dentro das atividades para que essas sejam eficazes no sentido de participação dos alunos e aprendizagem significativa.

Atividade 1: OLHE O MURO.

Nessa atividade iremos trabalhar a importância da coletividade, segundo os pilares da educação aprender a conviver é um dos aspectos quem impedem a existência do bullying.

RECURSOS: cartolinas, canetinhas, lápis de cor, cola e imagens.

PASSO A PASSO: A primeira atividade consiste em fazer cartazes para espalhar pelos muros externos da escola. A turma irá confeccionar em sala um total de 10 cartazes, com a mediação da professora.

No dia seguinte, quando todos os cartazes estiverem prontos, os alunos irão colocar os cartazes nos muros da escola, sob supervisão dos funcionários da escola e autorizado pelos responsáveis.

Atividade 2: CUSTOMIZANDO.

Nessa atividade além de trabalhar o respeito, coletividade e o aprender a fazer, iremos estimular a criatividade e a expressão pessoal do aluno em relação ao combate ao Bullying

RECURSOS: Blusas brancas, tinta de tecidos, caneta de tecido, cola para tecido, paetê e glitter.

PASSO A PASSO: A segunda atividade será a confecção das blusas. Será solicitado para que o responsável envie uma blusa branca e alguns materiais como paetê, glitter e tinta de tecido.

No dia determinado os alunos irão levar os materiais solicitados e as blusas vão ser customizadas na sala de aula. Os alunos irão fazer a customização de acordo com seu próprio gosto. A docente também irá participar fazendo a sua própria blusa e também vai auxiliar os alunos na atividade.

Atividade 3: INTERVENÇÃO URBANA

Será trabalhado o ser, conviver, conhecer e preservar. Também iremos aguçar a concentração para a atuação e a importância do posicionamento mediante ao que eles acreditam.

RECURSOS: Quatro atores, maquiagem, cartazes e as blusas customizadas. .

PASSO A PASSO: A intervenção urbana será uma atividade feita pela redondeza da unidade escolar; em uma praça. Serão escolhidos por sorteio quatro alunos, dois serão os supostos “agressores” e os outros dois os “agredidos”, os alunos que farão o papel de vítimas vão estar com maquiagem e uma caracterização para chamar mais a atenção vão utilizar um cartaz escrito “não deixe o bullying te matar”, “você não precisa guardar esse segredo”.

Com a autorização dos pais toda a turma irá participar dessa atividade na praça, o uniforme desse dia será a blusa customizada. Toda a escola e as outras turmas serão convidadas a prestigiar nossa atividade e os responsáveis também.

IMPACTO ESPERADO:

Com este material pedagógico desejamos criar ferramentas, que possam minimizar os comportamentos e atitudes que levam ao desenvolvimento do bullying presentes no meio interno e externo das unidades escolares. Valorizando atitudes positivas, o trabalho coletivo, o respeito, a igualdade e a diversidade humana. Cuja premissa é sensibilizar discentes e demais partícipes da comunidade escolar de forma significativa.

É relevante lembrar que as práticas adotadas pelos sistemas educacionais para responder a situações de bullying devem reduzir o risco de vitimização primária (Lei 13.431/2017) e vitimização secundária. E isso diz respeito a todos os setores envolvidos no atendimento a essas situações, conforme a gravidade, como serviços de assistência (<https://conviver.sembullying.com/wp-content/uploads/2019/04/Livro-2.pdf>).

Desta forma, desejamos que todos possam ter melhoria do bem-estar emocional, promoções de valores e comportamentos positivos, promovendo uma cultura de apoio e responsabilidade na comunidade escolar e ao seu redor, e ainda o desenvolvimento de habilidades sociais, ambiente inclusivo e conscientização.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Disponível em: <https://genialcare.com.br/blog/comportamento-disruptivo/>-acessado em 08.11.2023.

Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/34487>. Acesso em 30.10.2023

Disponível em: <https://cipave.rs.gov.br/como-enfrentar-a-violencia-escolar>. Acessado em 20.10.2023

Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-50214771>. Acessado em: 17.10.2023

Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/vert-fut-52945177>.

Acessado em: 17.10.2023

Disponível em: <https://conviver.sembullying.com/wpcontent/uploads/2019/04/Livro-2.pdf>. Acessado em 21.10.2023

Disponível em: [:https://brasilecola.uol.com.br/sociologia/bullying.htm](https://brasilecola.uol.com.br/sociologia/bullying.htm)-acessado em 20.10.2023

Disponível em: <https://novaescola.org.br/planos-de-aula/fundamental/5ano/historia/o-bullying-e-seuimpacto-na-vida-em-sociedade/5709> Acessado em : 21.10.2023



CAPÍTULO 4

PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA E DIREITO A MORADIA

ALINE DAS MERCÊS MOURA
DAIANE RODRIGUES DA SILVA
JHENIFFER ELIZABETH DOS SANTOS LUIZ
THARCILA DE ALMEIDA GUIMARAES

*“Não é no silêncio que os homens se fazem, mas na
palavra, no trabalho, na ação-reflexão”.*

PAULO FREIRE



Esse capítulo tem a perspectiva de construir diretrizes metodológicas que visam abordar o tema, “Pessoas em situações de rua e direito à moradia”, para alunos do ensino fundamental - EJA; sobre um público considerado invisível para o poder público brasileiro, problema que cresce a cada dia perante os olhos da sociedade, e que agride diretamente a dignidade humana, daqueles que vivem essa triste realidade.

Orientado pela professora Julia Tadeu Silva dos Santos e Paula, os graduandos do 6º módulo da escola das licenciaturas da UNISUAM organizaram-se em equipes de trabalho para elaboração de um e-book, cujo título é: Ambientes inovadores de aprendizagem: os saberes desenvolvidos pelos alunos do 6º módulo da escola de licenciatura da UNISUAM.

Os temas foram previamente sugeridos pela professora orientadora, sendo esses necessários de serem observados, trabalhados e analisados pelo cenário acadêmico, cuja premissa é minimizar os efeitos negativos causados por situações que não podem ser naturalizados pelo imaginário social.

Nesse sentido, nosso time de trabalho, objetiva, por meio deste capítulo, produzir um material didático-pedagógico com orientações básica e elementar que possam gerar, a médio e longo prazo, a melhoria nas condições vivenciadas no cotidiano da população de rua, situado na região de Bonsucesso, por meio dos (as) alunos (as) da EJA, que tiverem acesso a essa proposta educativa.

Ao falarmos sobre pessoas em situação de rua, temos em mente um estereótipo que mancha a imagem desses cidadãos, criando assim barreiras que impedem um possível amparo/cuidado ao grupo em discussão.

Pautados nos relatos, apresentados por essa população, desenvolveremos nessa unidade, atividades e estratégias que ocasionem possíveis benefícios a população que reside nas ruas do Rio de Janeiro.

Afinal, o direito à moradia está assegurado no artigo 6º da Constituição da República de 1988, sendo esse um direito social. O benefício à moradia é uma competência comum da União, dos estados e dos municípios. A Eles, conforme aponta o texto constitucional, cabe “promover programas de construção de moradias e a melhoria das condições habitacionais e de saneamento básico” (Brasil, 2018). Determinação essa ampliada após a Emenda Constitucional nº 26/2000.

Segundo Cristiane Guinâncio professora da Faculdade de Arquitetura da Universidade de Brasília (UnB) (Brasil, 2018): a inclusão da moradia no rol dos direitos sociais dos cidadãos representa um grande marco para melhoria do atendimento por parte dos governos,

A Lei nº 14.620 de 13 de julho de 2023, em seu artigo 1º apresenta políticas necessárias que amplia o direito à moradia ao cidadão brasileiro:

Art. 1º O Programa Minha Casa, Minha Vida tem por finalidade promover o direito à cidade e à moradia de famílias residentes em áreas urbanas e rurais, associado ao desenvolvimento urbano, econômico, social e cultural, à sustentabilidade, à redução de vulnerabilidades e à prevenção de riscos de desastres, à geração de trabalho e de renda e à elevação dos padrões de habitabilidade, de segurança

socioambiental e de qualidade de vida da população, conforme determinam os arts. 3º e 6º da Constituição Federal.

Assim, é nosso objetivo: Ouvir as pessoas em situação de rua e elaborar possíveis estratégias que reduzam as consequências negativas vividas por esses brasileiros desassistidos, por meio da ação dos alunos do ensino fundamental que farão parte dessa proposta socioeducativa.

Afinal, como afirma Paulo Freire (2000, p. 31), “Se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda”. Acreditamos ser esse o pilar da educação a ser tratado neste capítulo

O módulo estudado nesse semestre foi ambientes inovadores de aprendizagem, elencamos o CRAS de Bonsucesso como um espaço inovador de aprendizagem, para iniciarmos essa desafiadora proposta, cuja meta é orientar esses “cidadãos de direito” para busca de seus direitos constitucionais.

O material elaborado direciona-se para dois públicos distintos: alunos (as) da modalidade EJA referente à 1ª etapa do ensino fundamental e os moradores de rua que transitam próximos ao CRAS de Bonsucesso.

Organizaremos nosso capítulo a partir dos seguintes tópicos:

- No primeiro tópico faremos um relato de experiência sobre a vida das pessoas em situação de rua utilizando como metodologia “roda de conversa”

- No segundo tópico apresentaremos um mapeamento das pessoas em situação de rua com o objetivo de verificarmos quais as áreas de maior concentração;
- No terceiro tópico construiremos propostas e direcionamentos pedagógicos, cuja premissa é minimizar os impactos vividos por essa população.

Proposta 1: Preparando os (as) alunos (as) da EJA

Proposta 2: Aprendendo sobre seus direitos como cidadãos brasileiros.

Proposta 3: Possibilidade do retorno para a escola.

Proposta 4: Entendendo a prática.

- No quarto tópico abordaremos os impactos desejados e demais considerações.

I - Relato de experiência:

Fizemos uma visita ao entorno da CRAS Nelson Mandela situado em Bonsucesso, na Rua Abolição, local em que os moradores habitualmente se abrigam. Infelizmente, é comum ver famílias em situação de rua nessa localização e nossa equipe formada por quatro graduandas, abordaram esses indivíduos para ouvir suas experiências e histórias.

Após, promover um lanche comunitário para esse grupo, as graduandas explicaram a pesquisa que estava sendo realizando e o objetivo que essa se propõe, alguns não se sentiram confortáveis em dividir seus relatos e sua vivência, porém uma senhora de 70 anos, preta e com dois netos concordou em falar sobre sua história.

Contou que, desde a infância, sua vida não foi nada fácil e sobre sua experiência na rua e fora dela, já que a senhora X (ocultaremos o nome) não viveu toda sua vida nas ruas da cidade do Rio de Janeiro.

Essa senhora, em sua infância, não teve a possibilidade de continuar a estudar, porque após a morte do seu pai, ela e suas duas irmãs tiveram a necessidade de trabalhar, já que sua mãe, dois anos após a morte do pai, não resistiu à depressão e acabou por desistir da vida.

Aos dez anos trabalhou em uma casa de família e com eles morava, não tinha seus direitos assegurados e disse ter sofrido inúmeras agressões e passado por situações desumanas. Seja por palavras que a desqualificavam, ou por agressão física, tendo seu corpo agredido quando não realizava as tarefas com perfeição.

Assim, a escola foi ficando para trás e tudo que lembra é dos momentos de leitura realizada pela professora e as brincadeiras com seus colegas, a Sra. X não concluiu nem o antigo primário.

Aos dezessete anos, já era casada e com o primeiro filho, sua moradia era um barraco na Rua da Ladeira, local onde tinha um conjunto de casas construídas sobre um terreno pertencente ao INSS de Ramos. Na época esse “morro” era dominado por bandidos e havia uma questão de insegurança e falta de saneamento básico.

Após anos, morando na mesma localidade a Senhora X vivenciou a queda do poder paralelo, e conseqüentemente melhorias chegaram ao local, sua família vive um breve período de estabilização.

Entretanto, aos vinte e seis anos seu esposo morre em decorrência de uma overdose. E mais uma vez sente-se totalmente desamparada, os serviços de lavar e passar roupa não dava conta de sustentar a ela e seus dois filhos.

Em meio a todas essas turbulências, recebeu uma proposta para vender seu local de moradia por uma pequena quantia em dinheiro e mais um “puxadinho” em uma invasão próxima a Avenida Brasil, em uma antiga fábrica de biquíni.

Lá viveu até o ano de 2010, porém em decorrência de dívidas de drogas de moradores a localidade tornou-se extremamente violenta e foram obrigadas, ela e a filha, a saírem do local, para sua segurança e do resto da família, nessa época seu filho já não estava mais vivo.

Atualmente a Sra. X “mora” próxima a ponte da Trans-Carioca, onde cria seus netos, com o pouco dinheiro arrecadado por reciclagem, a sua filha está na sua 3ª internação em um abrigo religioso que auxilia pessoas dependentes de drogas.

Quando tem possibilidade, a citada senhora paga R\$ 2,00 para dormir nesse “teto” feito embaixo da ponte. Seu neto tem 17 anos, também não continuou os estudos, ajuda sua avó na coleta de latinhas, papelão, etc.

Algumas vezes vende água no trânsito ou balas e ajuda sua avó a cuidar da sua irmã de 11 anos que está matriculada na Escola Yuri Gagarin.

Outro relato impactante é a história triste e complexa de uma família composta por uma mãe e três menores vivendo em situação de rua. Uma mulher que, devido à dependência química, encontrava-se em situação de moradia precária, vivendo nas ruas.

Uma criança com sete anos, outra com três anos e o menor com apenas um ano. Diante das dificuldades, solidão e desespero, a mãe desses menores procurou apoio em uma Creche comunitária e implorou por vagas para os dois filhos mais novos, mesmo sem registro de nascimento; por compaixão a coordenação pedagógica permitiu a inclusão das crianças na instituição.

Se principal foco foi garantir a esses pequenos, vitimados por situações adversas, recebessem educação, acolhimento e uma alimentação adequada, já que sua mãe também era uma cidadã dilacerada pela inadequação do sistema público em suprir as necessidades básicas de sua população.

A situação se tornou ainda mais complicada quando o filho de sete anos teve que assumir a responsabilidade em buscar os irmãos na escola quando a mãe estava incapaz de buscá-los devido ao uso do crack. Isso colocou uma responsabilidade no menor, interrompendo sua própria educação e infância.

A secretária de um dos EDIS, localizado na comunidade da MARÉ, matriculou a mãe desses menores em uma escola, na modalidade da EJA, com o intuito de oferecer e garantir subsídios que minimizassem o caos vivenciado por essa mulher.

A diretora da unidade escolar em que o menino de sete anos estudava, informou que as crianças tinham sido encaminhadas para famílias adotivas ou para instituições de cuidado infantil e com grandes chances de serem separados.

II- Mapeamento das pessoas em situação de rua:

Durante nossa pesquisa verificamos que o bairro de Bonsucesso e Ramos, possui uma concentração de pessoas em situação de rua, sobretudo, próximo as favelas dos complexos do Alemão, da Maré e do CRAS que auxiliam e abrigam uma pequena parte desses indivíduos.

Entretanto, para que ocorra a real assistência as pessoas em situação de rua, é relevante desmistificar a idéia de que apenas dependentes químicos estão nas ruas e que todos roubam ou encontram-se nessa situação por não buscarem outras oportunidades.

Nas ruas existem cidadãos de direito, que necessitam de políticas publicas que os dêem acesso ao que é determinado por lei. Conforme afirma Silva (2006):

O fenômeno população em situação de rua é uma expressão incontestada das desigualdades sociais resultantes das relações sociais capitalistas, que se desenvolvem a partir do eixo capital / trabalho. E, como tal é expressão da questão social. Na cena contemporânea, em face das mudanças no mundo do trabalho, advindas, principalmente da reestruturação produtiva, o aprofundamento do desemprego e do trabalho precário consubstanciam a expansão da superpopulação relativa ou exército industrial de reserva e dessa forma, propiciam a elevação dos níveis de pobreza. Nesse contexto, cresce o fenômeno população em situação de rua, como parte constitu-

tiva da pobreza e da superpopulação relativa (SILVA, 2006, p. 21).

Logo, essa população não é devidamente amparada pelo Estado, ficando a mercê de ações assistencialista para sobreviver. Pesquisa elaborada pelo Brasil escola, Wagner de Cerqueira e Francisco [20--] apresentam que:

Entre a população em referência predominam as pessoas do sexo masculino (82%), com idade entre 25 e 44 anos (53%) e que nunca estudaram ou não concluíram o ensino fundamental (63,5%). Em relação à cor, 39,1% são pardos, 27,9% negros, 29,5% brancos, 1,3% indígenas, 1% amarelo oriental e 1,2% de cor não identificada.

Essas pessoas tendem a viver em bairros residenciais e buscam maneiras de ter seus direitos respeitados e a fome diminuída por ações altruístas de “vizinhos”, religiosos e ONG’s que atuam para assegurar o direito momentâneo da vida, combatendo a fome e insegurança.

Segundo o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) houve um crescimento de 38% da população em situação de rua no Brasil no período entre 2019 e 2022, que alcançou o alarmante número de 281.472 pessoas.

Uma das causas para esse aumento foi à pandemia de Covid-19 que assolou a população brasileira, com isso, a cada 761 brasileiros 1 se encontra em situação de rua.

III- Propostas e direcionamentos pedagógicos:

Proposta 1: Preparando os (as) alunos (as) da EJA:

Objetivos da Atividade: Promover a Compreensão das realidades das pessoas em situação de rua, para a construção de propostas socioeducativas a favor desses cidadãos.

A primeira etapa da proposta abordada, em tópicos anteriores, será a capacitação dos alunos da EJA – educação de jovens e adultos para atuar com as pessoas em situação de rua, para tanto, serão necessárias abordagens educacionais, que gerem empatia, pelo público em questão.

Iniciaremos a atividade com uma roda de conversa sobre as causas e os desafios enfrentados pelas pessoas em situação de rua;

Em seguida convidaremos especialistas como assistentes sociais ou pessoas que já vivenciaram a experiência de rua; para compartilharem suas histórias de vida. É importante criar um ambiente de aprendizagem inclusivo e colaborativo.

Serão promovidos debates sobre as diferenças e dificuldades presentes na sociedade; cuja premissa é sensibilizar os alunos à participar da nossa atividade.

Superação e admiração:

Os alunos da EJA serão incentivados a narrar suas histórias e contar para os demais alunos suas vivências, o que os fizeram parar os estudos ou impossibilitaram de terminar no período regular, assim estaremos os preparando para que ao realizar a

abordagem com as pessoas em situação de rua, tenham direcionamento adequado para o diálogo e assim possam desenvolver nesse aluno em potencial o desejo de voltar aos estudos.

Proposta 2: Aprendendo sobre seus direitos como cidadãos brasileiros.

Nossa primeira proposta para a turma da EJA será uma pequena palestra informal no CRAS. Para tanto, os alunos que irão participar deverão se organizar em grupos de cinco participantes.

A abordagem será sobre o DECRETO Nº 7.053 DE 23 DE DEZEMBRO DE 2009, que aborda os princípios da Política Nacional para a População em Situação de Rua, além da igualdade e equidade, que retrata os seguintes aspectos:

- I - Respeito à dignidade da pessoa humana;
- II - Direito à convivência familiar e comunitária;
- III - Valorização e respeito à vida e à cidadania;
- IV - Atendimento humanizado e universalizado; e
- V - Respeito às condições sociais e diferenças de origem, raça, idade, nacionalidade, gênero, orientação sexual e religiosa, com atenção especial às pessoas com deficiência.

Cada aluno terá 10 minutos para falar sobre o seu tema e ao final abrir uma roda de conversa com as pessoas presentes para retirada de dúvidas e também promover uma interação entre os alunos da EJA e as pessoas em situação de rua.

O objetivo dessa atividade é levar o aluno da EJA a perceber a importância de o cidadão brasileiro compreender seus direitos. Dessa forma o aluno aprende fazendo, além de sensibilizar as pessoas que irão participar com os alunos, pois, irão se aprofundar em temas importantes para a sociedade.

Proposta 3: Possibilidade do retorno para a escola.

A segunda proposta será promover um encontro entre as pessoas em situação de rua, que participaram da primeira proposta e a turma da EJA, juntamente com os gestores da escola, assim será feita uma roda de conversa cujo objetivo, será dialogar com esses sujeitos sobre o retorno à escola, pois, nesse local poderiam ter acesso a saberes e orientações que os conduziram a seus direitos legais e conseqüentemente a possíveis melhorias da situação atual situação em que vivem.

Cada aluno da EJA irá contar seu relato sobre suas experiências de vida antes e depois de voltarem para escola e o que esperam do futuro para si e o futuro que desejam para essas pessoas situação de rua.

Os alunos também irão explicar sobre as vantagens de voltar a estudar para conseguir um futuro diferente do vivido hoje.

Ao final os alunos irão fazer um levantamento de quantas pessoas tem o interesse de voltar para escola e irão auxiliar essas pessoas nos trâmites legais para retomarem os estudos.

Proposta 4: Entendendo a prática.

Todo brasileiro em situação de vulnerabilidade social tem o direito a uma renda básica familiar, garantida pelo poder público em programa permanente de transferência de renda, cujas normas e requisitos de acesso são determinados em lei, observada a legislação fiscal e orçamentário e as políticas públicas que foram criadas para combater tais questões, como Bolsa família, programa Minha casa minha vida. (Redação dada pela Emenda Constitucional nº 90, de 2015 - artigos 6º, com redação dada pela Emenda

Constitucional n 90º, de 2015).

Por maior que seja complexo esse desafio, devemos traçar caminhos para que haja espaços de debates e enfrentamento, cuja premissa é mover os obstáculos que impedem a assistência necessária a população de rua. “Me movo como educador, porque, primeiro, me movo como gente” (Freire - 1996, p. 49);

Temos o compromisso ético, moral e social com o território que nos rodeia, e a educação deverá ser uma ferramenta a favor da sociedade e dos cidadãos que dela fazem parte.

“A educação tem sentido porque mulheres e homens aprenderam que é aprendendo que se fazem e refazem, porque mulheres e homens se puderam assumir como seres capazes de saber” (Freire, 2000, p. 40).

IV- Impactos desejados:

Nós como professores temos como objetivo impactar positivamente a sociedade em que vivemos e conseqüentemente nossos alunos, a partir dessas atividades propostas desejamos auxiliar os alunos da EJA a ter um olhar crítico e sensível com as pessoas em situação de rua.

É a partir do aprendizado desenvolvido com a leitura do capítulo e desenvolvimento das atividades propostas que a turma desenvolverá habilidades sociais como o respeito pelo próximo, empatia e também a resolução de problemas que possivelmente geraram resultados no cenário social.

Os impactos dessas ações não serão somente benéficos para os alunos da EJA, mas também para as pessoas em situação de rua, pois é a partir das atividades desenvolvidas pelos alunos que essas pessoas em vulnerabilidade social, começaram a aprender e entender sobre a possibilidade de criar um futuro diferente para si a partir da educação.

Com isso desejamos auxiliar no aprendizado dos alunos de EJA de forma real e conseqüentemente facilitar o acesso das pessoas em situação de rua aos seus direitos como cidadãos brasileiros.

RESULTADOS PRELIMINARES:

Nesse trabalho percebemos fatores que ocasionam a situação de rua. É o resultado de uma série de fatores interligados, como perda de moradia por falta de recursos financeiros, problemas de saúde mental, vício em drogas, falta de suporte familiar, desemprego, traumas ou violência familiar.

Compreendemos que essas causas foram cruciais para abordar o problema de forma clara e objetiva, para essas pessoas que passam as noites dormindo nas ruas, nas praças, embaixo de viadutos e pontes.

Além desses espaços, eles também fazem uso de locais degradados, como prédios e casas abandonados e carcaças de veículos, com pouca ou nenhuma higiene.

Com isso, pode-se vislumbrar que esse trabalho acadêmico, vai ao encontro as necessidades e desafios educativos vivenciados pela pós-modernidade.

Sendo assim, cabe a nós professoras em formação, investigar a realidade em que estamos inseridos e buscar alternativas que minorem os impactos negativos, causados por situações semelhantes ao aqui pesquisado.

Por mais complexo que seja esse desafio, devemos traçar caminhos para que haja espaços de debates e enfrentamento, cuja premissa é mover os obstáculos que impedem à assistência necessária a população de rua.

Temos o compromisso ético, moral e social com o território que nos rodeia, e a educação deverá ser uma ferramenta a favor da sociedade e dos cidadãos que dela fazem parte.

“A educação tem sentido porque mulheres e homens aprenderam que é aprendendo que se fazem e refazem, porque mulheres e homens se puderam assumir como seres capazes de saber” (Freire, 2000, p. 40).

Pois, por meio desse trabalho, no formato e-book, poderemos sensibilizar os demais companheiros de profissão e ainda construir um olhar humanizado para com essas pessoas em situação de degradação e infelicidade e assim conseqüentemente, conseguiremos impactar pessoas e transformar vidas por meio da educação. Cumprindo assim o papel da escola que é de democratizar o saber e ser possibilidade de mobilização e ascensão social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Moradia: Constituição garante e reforça concretização do direito. Governo Federal, 2018. Disponível em: <https://www.gov.br/pt-br/constituicao-30-anos/textos/moradia-constituicao-garante-e-reforca-concretizacao-do-direito>. Acesso em: 03, nov., 2023.

FRANCISCO, Wagner de Cerqueira e. População em situação de rua. Brasil Escola, [20--]. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/brasil/populacao-situacao-rua.htm>. Acesso em 03 de novembro de 2023.

FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler. São Paulo: Cortez, 1982.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Unesp, 2000.

SILVA. Maria Lucia Lopes da. Mudanças recentes no mundo do trabalho e o fenômeno População em Situação de Rua no Brasil 1995-2005. Dissertação (Mestrado em Política Social) – Departamento de Serviço Social, Universidade de Brasília. Brasília, 220p., 2006

CAPÍTULO 5

A IMPORTÂNCIA EM ABORDAR A EDUCAÇÃO SEXUAL NO 1º SEGMENTO DO ENSINO FUNDAMENTAL

BARBARA DA CUNHA CAMPOS LIMA
DJENIFER VIEIRA DOS SANTOS
KARINA NASCIMENTO DOS SANTOS
MARIANA RIBEIRO VIEIRA
VITORIA PEIXOTO DA SILVA SANTOS

“Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para a sua produção ou sua construção”.

PAULO FREIRE



PUBLICO ALVO: 5º Ano do ensino fundamental

OBJETIVOS:

Oportunizar, aos alunos do 1º segmento/ 5º ano, conhecimentos referentes ao corpo de forma pedagógica, preventiva e natural;

Abordar os métodos necessários para evitar o DST ‘S a gravidez precoce, e despertar a atenção das crianças nos cuidados e privacidade com o seu próprio corpo.

JUSTIFICATIVA:

Atualmente percebe-se que crianças na faixa etária de 9 a 11 anos compreendem de forma errônea informações básicas sobre o seu corpo e sua sexualidade.

Nesse sentido torna-se relevante abordar essa temática nos espaços de educação formal. Pautado nessa premissa, esse tema será elaborado por meio de um capítulo, inserido no e-book construído pela turma do 6º módulo denominado: Ambientes Inovadores de aprendizagem: os saberes elaborados pelos alunos do 6º módulo da escola das licenciaturas da UNISUAM.

Será apresentada uma proposta didático-pedagógica aliçada na BNCC e demais autores que tratam do tema, sobre princípios e fundamentos que facilitarão o entendimento sobre aspectos que compõem o corpo humano.

Assim, o capítulo tem como perspectiva trabalhar sobre educação sexual com os alunos do 5º ano do ensino fundamental e conseqüentemente com seus responsáveis de maneira lúdica e esclarecedora.

Nosso propósito é sensibilizar os educandos sobre a importância em conhecer seu corpo e aspectos importantes sobre sua sexualidade.

Como cuidar do corpo, higiene, atenção ao toque, possibilitando-os a adquirir maturidade ao tratar do tema e ainda aprendendo se prevenir quando necessário. Iremos utilizar uma metodologia ativa e adaptada em consonância com a faixa etária dos discentes.

Nossa proposta será organizada com a seguinte estrutura:

No desenvolvimento abordaremos sobre o corpo ao topo, que tratará sobre o conhecimento e o autocuidado com o nosso corpo,

Apresentaremos a estrutura do corpo humano, os sistemas reprodutores masculinos e femininos, explicaremos sobre o ciclo menstrual e sobre as mudanças que a puberdade provoca ao nosso corpo.

Iremos esclarecer aos alunos sobre as doenças transmissíveis e os métodos contraceptivos para prevenção de doenças e gravidez, alertar sobre a higiene e o autocuidado durante a adolescência.

Iremos atentar as crianças sobre os cuidados essenciais para protegê-los sobre o abuso infantil.

Durante todo o projeto vamos esclarecer qualquer dúvida que for apresentada pelos alunos e ampliar estratégias pedagógicas que abordam sobre o assunto.

Ao final apresentaremos os impactos esperados.

DESENVOLVIMENTO:

1 - O Corpo ao todo: conhecendo o meu corpo.

Esse tópico tratará sobre a importância em conhecer o corpo humano e o autocuidado no processo de aprendizagem, por meio de estratégias que despertem o interesse e consequentemente a construção de conhecimentos dos (as) alunos (as).

Viecheneski, Lorenzetti e Carletto (2012, p. 859-860) enfatizam que:

[...] o papel do professor é propiciar um espaço favorável à descoberta, à pergunta, à investigação científica, instigando os alunos a levantar suposições e construir conceitos sobre os fenômenos naturais, os seres vivos e as inter-relações entre o ser humano, o meio ambiente e as tecnologias.

Nas escolas o entendimento sobre o corpo ocorre, por meio de práticas pedagógicas convencionais, ocasionando um aprendizado engessado. Nossa intenção é criar estratégias pedagógicas que impulsionem o desejo de aprender, incentivando a descoberta e a curiosidade, nos sujeitos aprendentes.

Nesse sentido, o eixo principal dessa concepção de trabalho é construir uma aprendizagem significativa, que seja vivenciada pelos educandos.

Dúvidas sobre o corpo sempre surgirão ao longo de suas vidas, então é de suma importância essa temática ser trabalhada nas escolas.

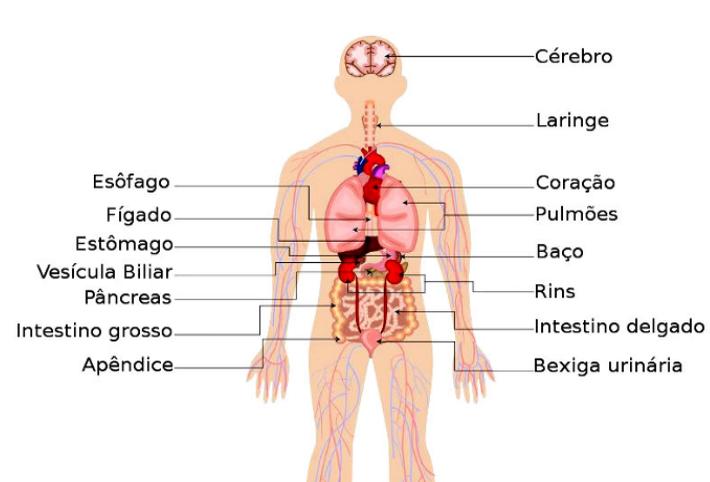
Assuntos como a construção da identidade sexual, o prazer, a masturbação e demais aspectos são abordados levando-se em conta os componentes biológicos e culturais. É importante que o professor esteja atento e explicitar os aspectos culturais envolvidos, buscando evitar preconceitos e responder dúvidas, valorizando os vínculos entre afeto, responsabilidade, sexualidade e autoestima (BRASIL, 1997, p. 99)

Com intuito de sensibilizar nossos alunos iremos elaborar de forma lúdica e criativa um ambiente favorável ao aprendizado que promovam hábitos saudáveis e bem-estar aos discentes.

1.1 – Estrutura:

A seguir será abordada a estrutura do corpo humano.

Os órgãos do corpo humano são estruturas geradas por dois ou mais tecidos diferentes, sendo responsáveis por realizar funções específicas no organismo. O corpo humano apresenta inúmeros elementos, reunidos em sistemas, que atuam juntos para o pleno funcionamento do organismo.



Fonte: <https://reinosdelanaturaleza.net/anatomia-fisiologia-animal/cuerpo-humano/>

1.2 - SISTEMA REPRODUTOR MASCULINO:

- **Testículos:** são as gônadas masculinas e estão presentes aos pares no sistema reprodutor masculino. Responsáveis pela produção de hormônios, testosterona, e espermatozoides. Os testículos estão localizados em uma bolsa externa, denominada bolsa escrotal, que protege os testículos e mantém-nos em uma temperatura mais baixa, não comprometendo, a formação de espermatozoides.
- **Pênis:** é o órgão copulador masculino. É constituído pela uretra e três cilindros de tecido erétil, sendo dois laterais, denominados corpos cavernosos, e um ventral, identificado como corpo esponjoso. A sua extremidade livre é denominada de glândula e é revestida por uma camada de pele denominada de prepúcio.

- **Saco escrotal:** Também chamado de escroto e bolsa escrotal, é uma estrutura de forma sacular que fica localizada na região logo abaixo do pênis. Essa bolsa apresenta um septo, que a divide em duas cavidades, ficando um testículo de cada lado. Na adolescência, o saco escrotal apresenta-se mais pigmentado, e pelos esparsos surgem no local. Dispõe um papel no controle da temperatura ao redor dos testículos. Quanto mais afastada do corpo, menor a temperatura; quanto mais próxima, maior a temperatura. Em ambientes frios, a pele enrugua-se e eleva o saco escrotal e o testículo para mais perto do corpo. A temperatura do saco escrotal é inferior à temperatura intra-abdominal.
- **Epidídimo:** O homem possui dois epidídimos, que se localizam, cada um, lateralmente na margem posterior dos testículos. Nesse local os espermatozoides obtêm maturidade e também desenvolvem sua capacidade de movimentação. O epidídimo apresenta-se como um grande tubo enovelado, podendo chegar a 6 metros de comprimento. Podemos determinar três porções do epidídimo: a cabeça (porção mais dilatada e em contato com a extremidade superior do testículo), o corpo e a cauda (região localizada mais inferiormente e que se liga ao ducto deferente).
- **Uretra:** Os ductos ejaculatórios abrem-se na uretra, que assegura a saída do sêmen e também da urina. A uretra é um órgão comum ao sistema reprodutor e ao urinário. A uretra masculina passa pelo interior da próstata, pelo assoalho da pelve e no interior do pênis, apresentando um tamanho total de cerca de 20 cm.
- **Vesículas seminais:** O homem tem duas vesículas seminais, as quais secretam um fluido que corresponde a cerca de 60% do volume do sêmen (líquido viscoso e esbranquiçado contendo

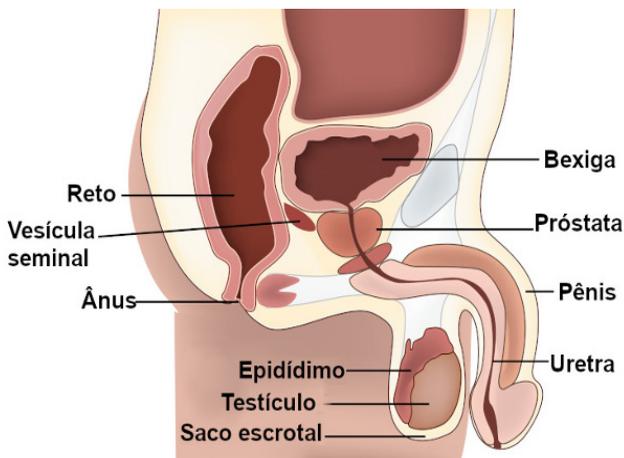
espermatozoides e fluídos das glândulas acessórias que é eliminado no momento da ejaculação). O fluído produzido pela vesícula seminal é espesso e alcalino e denota diversas substâncias, como enzimas e frutose.

- **Próstata:** O homem apresenta apenas uma próstata, que é uma glândula que produz a secreção que produz o sêmen. A secreção produzida pela próstata apresenta enzimas e citrato, que também é um nutriente para os espermatozoides. A próstata possui o tamanho aproximado de uma noz, porém, com o avanço da idade, é comum que haja um aumento benigno dessa estrutura, o que pode provocar uma compressão da uretra, que passa em seu interior, e interferir na passagem da urina. Nesses casos pode ser necessária uma interferência cirúrgica.

- **Bexiga:** É um órgão do sistema urinário, localizado na cavidade pélvica. Possui a importante função de armazenar a urina, gerada pelos rins, até ela ser expelida pelo processo de micção.

- **Reto:** É uma câmara que começa no fim do intestino grosso, imediatamente após o cólon sigmoide, e que termina no ânus. Em geral, o reto permanece vazio, já que, antes de chegarem ao reto, as fezes ficam armazenadas no cólon descendente. Em algum momento, o cólon descendente fica cheio e as fezes passam para o reto, estimulando a necessidade de evacuar.

- **Ânus:** É a abertura na extremidade do tubo digestivo, através da qual as fezes saem do corpo. O ânus é constituído pelas camadas superficiais do corpo, incluindo a pele e, em parte, pelo intestino. O ânus está alinhado com a continuação da pele externa. Um anel muscular (esfíncter anal) preserva o ânus fechado até que a pessoa defeque.



Fonte: <https://reinosdelanaturaleza.net/anatomia-fisiologia-animal/cuerpo-humano/>

1.3 - SISTEMA REPRODUTOR FEMININO:

- **Ovários:** São as gônadas femininas, presentes nos pares no sistema reprodutor feminino. Os ovários são responsáveis pela produção e armazenamento dos ovócitos, assim como pela produção de hormônios, como a progesterona.
- **Útero:** É um órgão muscular no qual ocorre o desenvolvimento do bebê. Apresenta formato de pera invertida, sendo sua parte mais larga denominada de fundo do útero e a parte mais estreita, que se abre para a vagina, apresentada de cérvix ou colo do útero. É revestido internamente por uma camada altamente vascularizada, denominada de endométrio.
- **Tubas uterinas:** São dois tubos, com aproximadamente 10 cm de comprimento, que unem os ovários ao útero. A partir dis-

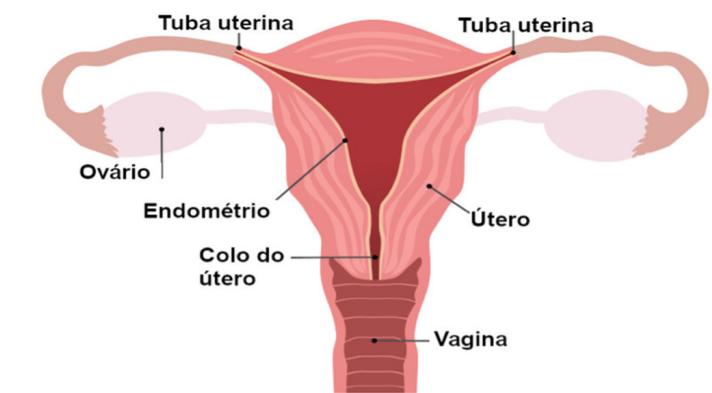
so, o óvulo amadurecido sai do ovário e penetra na tuba. Se o óvulo for fecundado por um espermatozoide, forma-se uma célula-ovo ou zigoto, que conduz para o útero, local onde se fixa e cresce, ocasionando um novo ser.

- **Endométrio:** É a camada mais interna formada de tecido epitelial extremamente vascularizado, ocultando toda a cavidade uterina. O endométrio é responsável por alojar o embrião na parede do útero e sustenta durante o início da gestação, até a formação da placenta. A menstruação constitui na descamação do endométrio, caracterizada por um período de sangramento. A menstruação acontece porque não houve fecundação e a camada do endométrio é descamada e expelida.

- **O colo do útero:** Porção também chamada por cérvix uterina, é a parte mais baixa do útero. Nesse local, a camada muscular é menor e constata maior quantidade de tecido conjuntivo denso. Há, nele, uma grande presença de glândulas que liberam uma secreção importante no momento da fertilização. Quando a mulher está ovulando, secreções mais correntes são liberadas e facilitam a penetração do esperma para o interior do útero. O colo do útero pode ser dividido em duas partes, sendo uma mais inferior, chamada colo intravaginal, e a outra designada colo supravaginal ou extravaginal. O colo intravaginal se define por ser englobado por projeções que partem da parede da vagina, enquanto o colo supravaginal não se apresenta circundado por essas projeções da parede.

- **Vagina:** É uma estrutura do sistema reprodutor feminino que é marcada por ser um canal tubular onde ocorre a cópula. Além de ser o órgão feminino da cópula, a vagina é o local por

onde o bebê passa durante o parto normal e por onde o sangue menstrual transcorre para ser eliminado do organismo. A parede da vagina é formada por três camadas: mucosa, muscular e adventícia. Além disso, a vagina localiza-se entre a bexiga e o reto e apresenta entre 10 e 15 cm de comprimento. Infecções vaginais podem levar ao surgimento de corrimento, coceira, ardência e dor durante a relação sexual.

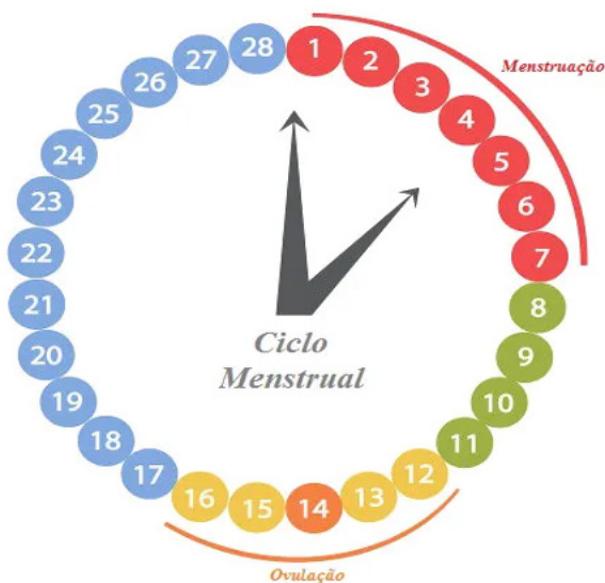


Fonte: <https://escolakids.uol.com.br/ciencias/sistema-reprodutor.htm>

2 - CICLO MENSTRUAL:

Pode ser determinado como um processo fisiológico normal que ocorre de maneira cíclica em mulheres na idade fértil. Esse processo é monitorado por hormônios e causa alterações no endométrio, que, durante o processo, proliferam-se e depois são eliminados. Ocorrem em mulheres a partir dos 12 a 15 anos, na maioria dos casos, mensalmente apresentam um sangramento de-

nominado de menstruação. Normalmente um ciclo menstrual dura em torno de 28 dias, mas existem mulheres com ciclos menores ou maiores que esse período.



Fonte: <https://brasilecola.uol.com.br/o-que-e/biologia/o-que-e-ciclo-menstrual.htm>

3 - PUBERDADE:

A puberdade é uma fase que acontece na adolescência e é marcada por diversas mudanças, desde físicas a psicossociais. Pode ser definida como um período de maturação biológica, visto que nessa fase ocorrem alterações que levam à transição para a fase adulta, ou também, para a fase reprodutiva.

A puberdade, em geral, tem início na adolescência. Nas meninas, pode ocorrer entre os oito e treze anos e, em meninos, entre os nove e quatorze anos. O início da puberdade pode variar devido a fatores influenciadores, como a genética e o ambiente, nesse último um dos elementos que mais afetam nessa fase é a nutrição.

3.1 - TRANSFORMAÇÕES NA PUBERDADE:

A puberdade caracteriza-se, pela ação dos hormônios esteroides, os hormônios sexuais, na formação das características sexuais secundárias, como mudanças na voz, crescimento das mamas em mulheres, crescimento de pelos faciais em meninos, ou seja, características não relacionadas diretamente ao sistema reprodutivo. Mas as mudanças vão além. De forma geral, podem ser observados também:

- O estirão de crescimento, fase em que ocorre uma aceleração no crescimento do indivíduo;
- Aumento da oleosidade da pele, o que pode influenciar no aparecimento de acne;
- Aumento da sudorese, o que torna importante uma boa higiene para evitar maus odores;
- Desenvolvimento do sistema cardiorrespiratório;
- Desenvolvimento do sistema reprodutor;
- Desenvolvimento esquelético e muscular, entre outras características

Por meio desses saberes iremos estimular a curiosidade, a descoberta sobre seu corpo e esclarecer as dúvidas dos nossos alunos de forma positiva e significativa, cuja premissa é minimizando os altos índices de doenças transmissíveis, gravidez precoce e abusos a menores.

4 - PREVENÇÕES:

As doenças sexualmente transmissíveis (DST's) tem sido um dos problemas graves na saúde pública frequente em todo território nacional, a cada ano contamina mais de 300 milhões de pessoas no mundo inteiro (OMS, 2001).

Há a possibilidade de diversos seres humanos serem contaminados pelas DST's, independente de idade, cor, situação econômica, sexo e raça. Apesar se, várias dessas doenças contêm tratamento, elas ainda podem deixar com sequelas graves e eternas, com a chance de causar o óbito.

As doenças não são propagadas somente pelo contato sexual, entretanto, podem ser transmitidas de mãe para filho na hora do nascimento, através da utilização partilhada de agulhas ou até mesmo no momento da transfusão de sangue. Portanto, é necessário deixar a falta de cuidado de lado ou a timidez e começar se prevenir para assim permanecer com a saúde em bom estado.

As prevenções de DST's são capazes de reprimir muitos momentos desconfortáveis, como a saúde corporal, assim como a saúde da sua relação. Além de tudo, é importante ter consciência de que se não houver prevenção, estará prejudicando a sua própria vida e também a vida de quem está praticando o ato com você.

Ao prevenir-se, estamos cuidando de nossos corpos e transferindo amor e cuidado ao parceiro (a), ou ao futuro bebê, visto que o indivíduo tem a possibilidade de ser infectado com alguma DST, caso não tenha os cuidados devidos.

Para acautelar-se dos problemas provocados pelas doenças sexualmente transmissíveis, utilize os seguintes cuidados:

- Use camisinha.
- Esteja com as vacinas em dia.
- Faça exames constantemente.
- Limite a quantidade de parceiros.
- Em consultórios médicos, solicite equipamentos descartáveis e/ou esterilizados.
- Não utilize drogas, principalmente as injetáveis.

5 - A RELEVÂNCIA DA HIGIENE DURANTE A ADOLESCÊNCIA:

A adolescência é um período de transição crucial, em que os adolescentes passam por diversas mudanças físicas e emocionais. A higiene desempenha um papel vital nessa fase da vida, pois ajuda a promover a saúde, a autoestima e a integração social. Ensinar aos adolescentes a como cuidar do corpo é essencial, isso inclui tomar banho regularmente, lavar as mãos, cortar e manter as unhas limpas e entre outros.

É essencial que o adolescente entenda sobre os cuidados íntimos apropriados, como a importância de usar roupas íntimas limpas diariamente. Esses cuidados necessários reduzem a ocorrência de odores desagradáveis, previnem infecções íntimas e

até mesmo doenças mais graves, a depilação também faz parte do hábito de higiene manter os pelos aparados faz com que os poros respirem evitando infecções na pele.

É relevante salientar que as meninas devam ter um cuidado maior com a higiene devido ao ciclo menstrual. Orientar sobre a troca dos absorventes regularmente, lavar bem as mãos após a troca, para evitar a contaminação de doenças.

Durante o banho é recomendado lavar bem a região íntima com água e sabonete neutro, é importante seguir todas as orientações de higiene adequada e estar atento a qualquer sinal de desconforto, buscando sempre uma orientação médica quando necessário.

6 - ATENÇÃO AO TOQUE:

A trelado aos cuidados essenciais à saúde da criança, deve-se construir um diálogo claro com os pequenos; por ser essa uma ferramenta poderosa para protegê-las contra o abuso sexual infantil.

O indicado é que na hora do banho, desde a primeira infância, os pais falem sobre as partes do corpo e as orientem que são muito especiais (as partes íntimas) e que, é preciso ter todo um cuidado com elas e que nem todos podem tocá-las.

Além disso, é preciso criar um ambiente acolhedor em casa, para que se sintam seguros em falar o que estiverem sentindo e sobre o que não esteja bem. Essa é a importância dos responsáveis compreenderem que educação sexual não é apenas sobre os órgãos genitais ou o ato sexual em si.

Ajude a criança conhecer seu corpo e criar limites pessoais, para que tenham noção do que é um toque aceitável e o que não é.

Ensina a criança quais são as partes de seu corpo, quais carinhos são legais, quais carinhos não são legais e o que fazer quando alguém faz carinhos desconfortáveis e inadequados.

7 - ATIVIDADES PRÁTICAS:

Temas trabalhados: mudanças no corpo humano, puberdade, sistema reprodutor etc.

Trabalhar o tema nas instituições de ensino não é ensinar as crianças e adolescentes a fazerem sexo, mas fornecer informações sobre o próprio corpo e prevenir possível abuso sexual.

Dessa forma, a criança/adolescente chegará à fase adulta mais preparada e mais segura para tomar decisões com responsabilidade. Por ser um tema complexo, muitas crianças não costumam falar abertamente que estão sofrendo abuso, por sentir medo ou vergonha. Assim, a idéia da educação sexual é informá-las que caso vivencie situações de abuso, precisam denunciar imediatamente.



Fonte: <https://www.almanaqueos.com/educacao-sexual-na-escola-ensinar-criancas-a-fazer-sexo/>

- **CAMPANHA “Diga não a Pedofilia”**

Atividade: Organizar uma roda de conversa com os seus estudantes. Perguntar o que eles já ouviram falar sobre o assunto e explicar sobre a importância de se estar atento a si mesmo e ao próprio corpo. Há uma analogia interessante a fazer entre o corpo e a casa, comparando a violência ao corpo àquela que pode acontecer quando invadem nosso lar, quando destroem nossos objetos e machucam quem está lá dentro.

BATE PAPO

Diferença entre abuso e exploração sexual?

Possíveis abusadores?

Como saber se está sendo vítima de abuso sexual?

Como se prevenir?

Quem pode ajudar?

O que é pedofilia?

ATENÇÃO: Observar os gestos de cada criança, no momento dessa atividade.

- **ATIVIDADES LÚDICAS (Semáforo do toque)**

Apresentar a animação Isabela Toda bela em sala de aula. Interrompê-la antes do final feliz e pedir para que os estudantes digam como acham que acabou. Depois de ouvir os estudantes, abrir espaço para uma conversa sobre:

- Quais são os possíveis comportamentos suspeitos de um adulto abusador?
- A quem recorrer?
- Como buscar ajuda?
- A situação da menina poderia ter sido evitada? Como?

A PRÁTICA

Sinalizar os pontos que podem ser tocados e quem poderá tocar.



<https://aguai.sp.gov.br/home/40839/elementor-40839/>

- **TEATRO COM FANTOCHES**

Não poderíamos deixar de fora o dia 18 de maio “Dia nacional de combate ao abuso e exploração sexual ao infante juvenil. Então optamos em falar sobre o assunto contando a historinha “O meu corpo é um tesourinho”

DENUNCIE, DISQUE 100



Fonte: <https://www.pmvc.ba.gov.br/cras-realizam-teatro-de-fantoches-para-alertarem-criancas-contra-a-violencia-sexual/>

- **JOGOS EDUCATIVOS**

Jogo para instruir o passo a passo de cada etapa da vida, desde o nascimento até a fase adulta.



Fonte: <https://libraseducandosurdos.blogspot.com/2012/01/jogo-trilha-da-vida.html?m=1>

- **RODAS DE CONVERSAS** (professores e responsáveis)

Tem como objetivo nortear os responsáveis sobre os sinais de abuso a criança/ adolescentes através de 10 tipos de atitudes.

- 1 Mudanças de comportamento
- 2 Proximidades Excessivas
- 3 Comportamentos infantis repentinos
- 4 Silêncio predominante
- 5 Mudanças de hábitos súbitas
- 6 Comportamentos sexuais
- 7 Traumatismos físicos
- 8 Enfermidades psicossomáticas
- 9 Negligência
- 10 Frequência escolar

- **DEBATE PARA PAIS DE VÍTIMAS DE ABUSOS SEXUAL** (professores e responsáveis)

Com a finalidade de aproximar as crianças/ adolescentes de seus responsáveis, citando a importância de serem ouvidos e acolhidos sem questionamentos.

IMPACTOS ESPERADOS:

Com a elaboração deste capítulo esperamos sensibilizar e ensinar de forma positiva as crianças sobre o autocuidado com o corpo, estabelecendo uma maior maturidade com os cuidados íntimos essenciais em prol de uma qualidade de saúde. Atentar

todos os alunos sobre a proximidade de uma pessoa, auxiliando na prevenção do abuso infantil.

Acreditamos que conseguiremos um grande avanço no desenvolvimento das crianças sobre os assuntos abordados no decorrer do projeto, com um grande índice de participação e interesse dos alunos.

Vale ressaltar o papel democratizador da escola na disseminação de informações dessa temática. Embora não haja discussões ou conversas sobre sexo em todas as famílias, na escola, receberão essa orientação de forma saudável e construtiva.

Escola, ambiente social que atinge um grande número de jovens, se torna um principal local de expansão para falar sobre a Educação sexual. Os adolescentes entendem a importância da escola no sentido de que destacam suas vantagens no aprendizado de assuntos relacionados sexualidade, prevenção, toque, entre outros.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: pluralidade cultural, orientação sexual/ Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997.

VIECHENESKI, Juliana Pinto; CARLETTO, Marcia. Por que e para quê ensinar ciências para crianças. SIMPÓSIO NACIONAL DE ENSINO DE CIÊNCIAS PARA CRIANÇAS. p. 1-12. Ponta Grossa: Anais, 2012.

Instituto Liberta, enfrentando a violência sexual contra criança e adolescente. Disponível em: <https://liberta.org.br/>, acessado em: 10 de outubro de 2023.

Tavares, Rita. Hábitos Essenciais de Higiene para os Adolescentes. SweetMag. 04 de julho de 2023. Disponível em: <https://www.sweetcare.pt/sweet-mag/sweet=-box-adolescentes-i1696-#:~:text=Manter%20a%20higiene%20%C3%A9%20importante,dispon%C3%ADveis%20e%20atuar%20quando%20necess%C3%A1rio>. Acessado em: 15 de outubro de 2023.

Arnoldi, Alice. Como conversar com crianças pequenas sobre o que é abuso sexual infantil. bebê.com.br. 19 de ago de 2020. Disponível em: https://bebe-abril-com-br.cdn.ampproject.org/v/s/bebe.abril.com.br/desenvolvimento-infantil/como-conversar-com-criancas-pequenas-sobre-o-que-e-abuso-sexual-infantil/amp/?amp_gsa=1&_js_v=a9&usqp=mq331AQIUAKwASCAAgM%3D#amp_tf=De%20%251%24s&aoh=16978031320798&referrer=https%3A%2F%2Fwww.google.com&share=https%3A%2F%2Fbebe.abril.com.br%2Fdesenvolvimento-infantil%2Fcomo-conversar-com-criancas-pequenas-sobre-o-que-e-abuso-sexual-infantil%2F. Acessado em : 20 de outubro de 2023.

Santana, Tati. Educação Sexual na escola ensina crianças a fazer sexo?. Almanaque SOS. 30 de agosto de 2018. Disponível em : <https://www.almanaqesos.com/educacao-sexual-na-escola-ensina-criancas-a-fazer-sexo/>. Acessado em: 14 de outubro de 2023.

https://extensao.cecierj.edu.br/material_didatico/sau2202/pdf/aula04_leitura01_HigieneCorporal.pdf

Órgãos do corpo humano: lista dos principais órgãos - Biologia Net

Hormônios. O que são hormônios? - Escola Kids (uol.com.br)

Sistema reprodutor masculino – órgãos, função - Mundo Educação (uol.com.br)

Como prevenir Doenças Sexualmente Transmissíveis. Disponível em: <<https://labvital.com.br/como-prevenir-doencas-sexualmente-transmissiveis/>>. Acesso em: 10 nov. 2023.

SOBRE OS AUTORES





TÍTULO: A NORMALIZAÇÃO DO FEMINICÍDIO

AUTORAS: ANA CLARA BARBOSA DOS SANTOS; MARIA JULIA DA COSTA PINTO; PATRICIA MARTINS GUERRA DE OLIVEIRA



TÍTULO: AS MÍDIAS SOCIAIS E AS FAKENEWS

AUTORAS: FABRINNE GONÇALVES DE SOUZA; LARISSA MUNIZ CARNEIRO DE ARAÚJO; LUCAS FERREIRA DE OLIVEIRA; PÂMELA AGUIAR LACERDA; SAIMARA PEREZ DA ROCHA



TÍTULO: BULLYING- COMBATENDO O MAL PELA RAIZ

AUTORAS: ALESSANDRA CRISTINA RIBEIRO DE SÁ; CARLA CRISTINA MENDES ALMEIDA; FERNANDA DE MORAES SILVA; JULIANA KLEINLEIN FERREIRA; MARIA CAROLINA DE SOUZA POMPILIO DA SILVA



TÍTULO: PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA E DIREITO A MORADIA

AUTORAS: ALINE DAS MERCÊS MOURA; DAIANE RODRIGUES DA SILVA; JHENIFFER ELIZABETH DOS SANTOS LUIZ; THARCILA DE ALMEIDA GUIMARAES



TÍTULO: A IMPORTÂNCIA EM ABORDAR A EDUCAÇÃO SEXUAL NO 1º SEGMENTO DO ENSINO FUNDAMENTAL

AUTORAS: BARBARA DA CUNHA CAMPOS LIMA; DJENIFER VIEIRA DOS SANTOS; KARINA NASCIMENTO DOS SANTOS; MARIANA RIBEIRO VIEIRA; VITORIA PEIXOTO DA SILVA SANTOS



LIVRO DIGITAL: AMBIENTES INOVADORES DE APRENDIZAGEM : OS SABERES DESENVOLVIDOS PELOS ALUNOS DA ESCOLA DE LICENCIATURA DA UNISUAM

ORGANIZADORAS: JÚLIA TADEU SILVA DOS SANTOS E PAULA, ROSANA DA SILVA BERG.

“A educação tem sentido porque mulheres e homens aprenderam que é aprendendo que se fazem e refazem, porque mulheres e homens se puderam assumir como seres capazes de saber”

Paulo Freire

Livro Digital

ISBN 978-85-94431-25-7

Epitaya Propriedade Intelectual Editora Ltda
Rio de Janeiro / RJ | Tel: +55 21 98141-1708
contato@epitaya.com.br
<http://www.epitaya.com>



JÚLIA TADEU SILVA DOS SANTOS E PAULA
ROSANA DA SILVA BERG
ORGANIZADORAS

AMBIENTES INOVADORES DE APRENDIZAGEM:

os saberes desenvolvidos
pelos alunos da escola de
licenciatura da UNISUAM


Editora

ISBN: 978-85-94431-25-7

